

Richard Sennett

# Construir e Habitar

Tradução de  
CLÓVIS MARQUES

1ª edição

  
EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO  
2018

**Terceira Parte**

**Abrir a cidade**

## 7. O urbanita competente

Descrevemos na Segunda Parte três maneiras como uma cidade pode empobrecer a experiência dos habitantes: crescimento de alta velocidade no modelo de Xangai; esquivar-se dos que diferem; os efeitos embotadores da tecnologia mal-empregada. Estes problemas urgentes também aguçam a pergunta que me fez Jane Jacobs: "O que você faria, então?" Nesta Terceira Parte, eu vou responder — mas com uma importante ressalva.

Questões como esquivar-se dos que são diferentes não têm uma "solução", no sentido de haver algum remédio social que possa ser tomado para curar a doença. O medo dos outros representa na verdade uma doença crônica que precisa ser administrada. Assim como os sintomas de uma doença crônica podem ser neutralizados, o corpo cívico pode também desfrutar de longos períodos de saúde vigorosa — como acontece quando pessoas diferentes são capazes de conviver. Ainda assim, o corpo coletivo nunca fica totalmente livre do risco de recaída.

Neste capítulo, eu investigo algumas maneiras pelas quais os urbanitas podem se relacionar melhor com a *cité*. No capítulo seguinte, exploro as formas que podem ajudá-los neste sentido na *ville*. Por fim, apresento certas maneiras de promover a convergência entre *cité* e *ville*. Como se verá, minhas respostas à pergunta "O que você faria?" são guiadas pela decisão de tratar a cidade saudável como um sistema aberto.

## I. Descolados na cidade — Tocar, ouvir, cheirar um lugar

Como minha mulher passou a vida em aviões, a logística de uma viagem a Medellín, na Colômbia, se revelou fácil. Se não for a negócios, por que ir a Medellín? Disseram-me que a cidade, que tinha ficado famosa por causa da guerra do tráfico de drogas, hoje ostentava incríveis exemplos de arquitetura cívica. Especialmente no bairro de Santo Domingo, onde existe um centro comunitário-biblioteca consistindo em três elegantes blocos negros modernistas concebidos por Giancarlo Mazzanti em 2007. A biblioteca, chamada Parque Biblioteca Espanha, fica no alto de uma colina coberta de barracos abrigando dezenas de milhares de pessoas pobres, em sua maioria refugiados da guerra civil nas zonas rurais da Colômbia, decorrendo essa violência rural de batalhas de forças do governo contra supostos revolucionários das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, as Farc, batalhas que finalmente parecem ter chegado ao fim. A biblioteca, uma joia arquitetônica, é de fácil acesso graças a um enorme teleférico que vai até o alto da montanha; de concepção francesa, seus carros reduziram de horas a minutos o tempo que os moradores levam para ir da favela ao trabalho no centro da cidade.

O prefeito de Medellín na época, Sergio Fajardo, construíra esta e outras bibliotecas nas favelas, sabendo que as construções destinadas aos pobres geralmente são feias e puramente funcionais, incapazes de suscitar orgulho. Para que os moradores “se apropriem” de suas comunidades, é preciso construir algo que valha a pena possuir. Assim foi que ele gastou dinheiro com grandes arquitetos na construção de bibliotecas destinadas a pessoas que estão aprendendo a ler, em vez de encomendar um novo teatro de ópera com todos os recursos de última geração. Foi um bom prefeito.

Em frente à Playa de España, um menininho desnutrido pegou minha mão e outro, a mão da minha mulher. Eles foram nossos guias “oficiais”, usando camisetas que proclamavam precisamente este fato; já haviam feito esta visita guiada muitas vezes antes, ganhando um dinheirinho e praticando seu inglês. Quando Saskia falou fluentemente em espanhol, eles ficaram meio chateados; nós éramos os gringos, eles, os locais, uma diferença que estabelecia bem claramente o seu status. Os meninos — 8, 10 anos, muito limpinhos, mas mirrados — também se apresentavam como nossos prote-

tores; conduzindo-me à rampa que levava à biblioteca, um deles disse: “Você está seguro enquanto estiver comigo.”

O privilégio protege o Googleplex da cidade, ao passo que esses jovens da favela precisam saber mais do meio em que vivem; a insegurança e a carência são grandes demais para que eles tirem o ambiente de letra. Mas ainda assim, esses meninos continuam sendo meninos: foram tranquilamente subornados pelos sorvetes oferecidos por Saskia para que eu pudesse sentar para descansar, e se mostravam aberta e brutalmente calculistas, como qualquer criança: “*Señor*, mais quinze minutos são mais um dólar.”

Em Santo Domingo, os homens ficam à toa pelas ruas porque estão desempregados, jogando conversa fora porque não têm mais o que fazer; os mercados estão cheios de frutas e legumes feios e manchados, velhos e murchos demais para serem postos à venda em algum outro lugar. Mas a comunidade, apesar de instável e às vezes perigosa, não é nenhum teatro de miséria. Embora os telhados muitas vezes sejam de latão ondulado enferrujado, e as paredes, de blocos de concreto nu, as ruas em frente às construções são sempre mantidas muito limpas. A “honestidade” de uma casa ou bar também é assinalada por jardineiras nas janelas; viela após viela, beco após beco, vemos esses adornos bem cuidados, quase sempre com gerânios e amores-perfeitos. Como em muitas outras comunidades, todos improvisam constantemente para compensar o que falta — por exemplo, fazendo conexões ilegais na rede elétrica. Com essa capacidade de se virar é que nossos guias se mostravam particularmente sintonizados; num longo relato sobre as fontes de venda de água engarrafada mais barata naquele momento, e indiferente ao meu desinteresse pela conversa, o pequeno guia ficou totalmente absorto pelos malabarismos necessários para enfrentar a vida.

Embora talvez não servisse muito para nos proteger dos adolescentes e jovens adultos que estavam de olho nos nossos smartphones, a confiança ostentada pelos nossos protetores se justificava. Eles conheciam cada ruela e atalho da comunidade, e ficavam felizes de constatar que nos interessávamos pelas imediações da biblioteca, como vimos ao permanecer com eles depois da visita oficial. Qualquer policial ficaria orgulhoso da exaustiva descrição que fizeram das ruas perigosas e seguras por ali.

Segurando a mão do meu guia de 8 anos, eu sentia sua leve contração de advertência e acautelamento sempre que virávamos uma esquina. Numa posterior visita noturna à comunidade, percebi que nas esquinas meus protetores retardavam o passo ligeiramente e examinavam as luzes acesas nas casas. Se a casa de algum amigo que tivessem acabado de encontrar estivesse apagada, meus protetores diminuía o passo e paravam: por que a família não estaria em casa, se estava na hora do jantar? Certa vez, perguntei se havia algo errado; “não”, respondeu o guia de 10 anos de idade, “mas poderia haver”.

Mostrar-se safo na rua é indispensável. Na comunidade, um olhar que se prolongue um instante que seja pode ser considerado agressivo, levando a uma briga. Para saber como se comportar no momento, é preciso passar por várias experiências de contato visual, até ser capaz de distinguir se o olhar de alguém é hostil ou acolhedor. Uma vez consolidado, o tempo de reação de cada um torna-se instintivo e rápido; deixar transparecer a preocupação de como se comportar é receita certa de problemas.

Em Santo Domingo, a garotada está constantemente checando e atualizando as táticas de sobrevivência, pois as favelas de Medellín são ambientes em rápida transformação, com uma população constantemente renovada de imigrantes de diferentes partes do país. Como observa o militante dos direitos humanos Tom Feiling, a violência de certa maneira diminuiu desde 2010, pois a economia das drogas se transferiu para as cidades do litoral da Colômbia; a construção do teleférico em Santo Domingo tornou ainda mais seguro o transporte para o trabalho no centro da cidade, acabando com a necessidade de percorrer quilômetros de ruas problemáticas. O local, portanto, flui. Isso significa que nada pode ser tido como certo em terra — e a terra, por aqui, ainda é um lugar de pequenos furtos e assaltos, e não propriamente de uma guerra das drogas. Os garotinhos poderiam ser considerados marinheiros que aprenderam a navegar num clima instável e não raro pesado.<sup>1</sup>

*Conhecimento corporificado* — Ser safo nas ruas tem a ver com o conceito de conhecimento encarnado — um conceito muito genérico que adquire uma forma concreta particular nas cidades.

A gente não pensa conscientemente na maioria dos nossos atos — nem poderia ser de outra maneira. Imagine só dar uma caminhada pensando: “Agora levantar a perna esquerda, e agora a direita, e de novo a esquerda, e agora...” Assim que aprendemos a andar na primeira infância, enraizamos esse comportamento num hábito que não precisa ser pensado; ele entra para o terreno do conhecimento tácito. Algo semelhante acontece quando desenvolvemos, por exemplo, a capacidade de martelar um prego: o artesão aprende a segurar o cabo do martelo, a força a ser empregada, considerando seu próprio peso. Uma vez adquirido, esse comportamento entra para o terreno tácito, como algo que a pessoa sabe fazer sem pensar explicitamente no que está fazendo. Mas este é apenas o primeiro passo do conhecimento corporificado.

O conhecimento tácito, e não explícito, não era um conceito estranho ao psicólogo William James e ao filósofo Henri Bergson, pioneiros dos “estudos da consciência” que contestavam o rígido dualismo cartesiano que separa a mente do corpo. Para explicar o processo pelo qual nos investimos em nossas sensações físicas, James desenvolveu o conceito de “fluxo de consciência”; e a ênfase em sua expressão é na palavra “fluxo”. Um fluxo flui: pensar, sentir e habitar nunca é estático. James criticava os psicólogos que o haviam antecedido por falarem de “condições” e “estados” mentais como se fossem blocos sólidos ou imagens fixas de ser. Mesmo na contemplação de um quadro pendurado na parede de um museu, diz James, a consciência está “em fluxo”, pois a atenção do indivíduo se desloca constantemente, vagando e saltando para lembranças de outros quadros.<sup>2</sup>

Um fluxo de consciência pressupõe consciência do contexto — onde estamos, quem está em nossa companhia, o que nós ou eles estamos fazendo quando temos determinado pensamento, sentimento ou sensação. Essa consciência do contexto é o que corporifica um pensamento: uma questão de sentir as circunstâncias físicas nas quais pensamos; o “pensamento” se enche de associações sensíveis. Só ao mudarem essas circunstâncias a consciência entra em fluxo; ela não se manifesta independentemente, por si própria, como achava Descartes.

Bergson não encara a consciência exatamente desta maneira. No famoso episódio em que Proust saboreava uma madeleine, uma lembrança do passado é ativada por uma sensação física momentânea — um bolinho

desencadeia um vasto projeto de recuperação consciente de um território muito distante da experiência. A ideia bergsoniana da *durée* costuma ser associada a essa "consciência do bolinho", mas é exatamente o contrário. A *durée* tem a ver com a consciência do presente, viver plenamente no aqui e agora; difere do sentir, como na frase do romancista L. P. Hartley de que "o passado é um outro país". Bergson não se preocupa tanto, como James, com o contexto e o cenário da consciência, e sim com a consciência em si mesma. Mas se interessa em como a experiência das contradições nos leva a sentir "estou aqui agora" de um modo que as constatações habituais não são capazes. Está nas suas ideias a origem da convicção de Leon Festinger de que "damos mais importância às coisas que nos esforçamos por entender".

Cada um à sua maneira, James e Bergson são filósofos do safar-se nas ruas. E ambos colocam o mesmo problema: o que sacode a nossa consciência? Isto acontece quando o conhecimento tácito já não basta para lidar com a realidade. Tem início uma segunda fase.

Alguma coisa não está muito certa: uma luz apagada quando deveria estar acesa. O contexto já não pode ser dado como certo. Ou então se ouve tocar de repente uma estranha campainha: não é melhor parar? Na carpintaria, o artesão não pensa conscientemente no peso do antebraço, até que um insuspeitado nódulo na madeira o obriga a avaliar a necessária força a ser exercida. Na cirurgia, da mesma forma, um corte rotineiro no tecido terá de ser recalibrado se o cirurgião se deparar com um gânglio inesperadamente denso. Em ambos os casos, o artífice está focado na problemática. O hábito é trazido à consciência: o comportamento entrou no terreno do explícito, no qual é mais ativa a autoconsciência.

No fim das contas, a estranha campainha era de uma carrocinha de sorvete, uma novidade em Medellín; uma vez captada e recorporificada no comportamento tácito, a reação impensada não será mais exatamente como antes: o som desta campainha específica é um chamando ao prazer, vamos então a ele. Esse processo tácito-explícito-tácito significa que o repertório do comportamento em mobilidade se ampliou antes de uma forma visceral que autoconsciente: podemos nos comportar de uma nova maneira sem precisar ficar nos questionando sobre o que estamos fazendo. Assim como o artífice testou uma nova maneira de segurar o martelo, a pessoa que se

safa nas ruas refletiu; ambos tratam então de reinscrever o comportamento no universo tácito. É a terceira fase do safar-se nas ruas.

Os meninos de Medellín farejando possíveis perigos podem ser comparados a uma gestão de risco descrita por Sara Fregonese em Beirute durante os longos e violentos anos de guerra civil no fim do século XX. Lá, era comum botar bandeiras do lado de fora das casas para identificar quem vivia no interior; quando um tiroteio era ouvido em ruas próximas, as bandeiras desapareciam, para que as milícias nada soubessem dos moradores daquela rua ao passar por ali. Os safos no ambiente urbano interpretavam uma pista mais que evidente — o som de tiros — e reagiam tomando uma medida perfeitamente clara. Na comunidade, as pistas eram menos dramáticas, exigindo mais interpretação.<sup>3</sup>

O safar-se urbano desse tipo foca nos pequenos detalhes. Como vimos, para Balzac, interpretar o caráter de uma pessoa significava analisar detalhes — por exemplo, deduzindo se um indivíduo seria um cavalheiro ou não pelo exame dos botões da sua manga. Os garotos aplicam essa interpretação do caráter a uma finalidade muito mais urgente. Eles não aquilatam a importância de um fato estabelecendo uma relação entre o detalhe e o todo que o cerca, como neste caso: "Está tudo tranquilo, mas e daí? Todo mundo na rua se conhece, são bons vizinhos, e de qualquer maneira faltou eletricidade na semana passada." Esta seria uma avaliação de contexto. Já aqui, o detalhe provoca, qualquer que seja o contexto; exige ser entendido em si mesmo.

Em psicologia, uma leitura de pistas como esta é chamada de "efeito holofote", denominação derivada de *The Principles of Psychology* [Os princípios da psicologia], publicado por William James em 1890. Sua versão "holofote" da atenção sustenta que o cérebro joga luz sobre um objeto, um problema ou uma pessoa que assume caráter central para lidar com ele, deixando de lado objetos, problemas ou pessoas que não pareçam centrais para o problema em foco. Ele escreveu que "a concentração da consciência [...] implica afastar-se de certas coisas para lidar eficazmente com outras". Falamos uma linguagem jamesiana quando dizemos que estamos "focando" num problema.<sup>4</sup>

O holofote proporciona uma certa ordem ao fluxo de consciência. A gente não se limita, por assim dizer, a simplesmente ir com o fluxo, notando — vale dizer, colocando o holofote — o obstáculo inesperado ou a pedra que

se apresenta no caminho da consciência. Na visão de James, projetamos o holofote quando as expectativas normais são contrariadas. Ele considerava que o próprio fluxo de consciência era instável, e não constante, eventualmente secando, outras vezes transbordando, não raro desviando do caminho reto de deduções do tipo se isto, então aquilo. A concepção do fluxo de consciência em James poderia então ser mais apropriadamente comparada a caminhar pelos becos de uma favela do que a nadar numa corrente.

A concepção do efeito holofote em James contrasta diametralmente com a "apercepção", venerável ideia derivada de Leibniz, na qual um problema difícil ou perigoso é esclarecido ao ser inserido num contexto cada vez mais amplo. Leibniz desfoca; James foca. Na vida social cotidiana, o efeito holofote confere determinada estrutura a breves conversas nas ruas de Santo Domingo, e a conversas mais longas nos seus bares. Eu achava que o meu péssimo espanhol explicava certas mudanças de assunto meio abruptas; havia uma lógica que eu não conseguia seguir. Mas Saskia me corrigiu; havia sempre um fluxo de palavreado meio inconsequente, e de repente um holofote verbal era projetado num detalhe perturbador, como o som de um tiro parecendo ter sido disparado de uma arma estranha; outros talvez não tratassem imediatamente desse fato assim iluminado pelo holofote, mas ele seria notado, arquivado e retomado mais adiante na conversa ou em outra conversa. O som focado não é específico de Medellín; um efeito holofote do mesmo tipo ocorre no Mitre, o meu pub habitual em Clerkenwell; depois do assalto à joalheria, as conversas de sempre passaram a ser apimentadas por súbitas e significativas erupções projetando o holofote nos "muçulmanos".

O conhecimento corporificado tem um outro aspecto. Dizer que "captamos algo" significa que fizemos fisicamente o gesto de apreensão. No banal gesto físico de pegar um copo, a mão assume uma forma arredondada, própria para segurar o objeto, antes de efetivamente tocar sua superfície; o corpo já se prepara para segurar antes de saber se o que vai segurar está gelado ou fervendo. O nome técnico de movimentos nos quais o corpo prevê e age se antecipando aos dados sensoriais é "preensão". A preensão significa agir por antecipação.

Os recém-nascidos começam a praticar a preensão já na segunda semana de vida, tentando alcançar brinquedinhos à sua frente. Nos cinco primeiros meses de vida, os braços do bebê desenvolvem a capacidade neuromuscu-

lar de se mover independentemente em direção ao que os olhos veem; nos cinco meses seguintes, as mãos desenvolvem a capacidade neuromuscular de assumir diferentes posições para segurar. No fim do primeiro ano, nas palavras de Frank Wilson, "a mão está pronta para uma vida inteira de explorações físicas".<sup>5</sup>

A preensão representa uma guinada no processo de raciocínio por sequestro descrito no capítulo anterior. Ela traz uma resposta para a pergunta "e se?". O corpo imagina por antecipação como seria fazer algo. Na verdade, pode ser ruim prever como é algo antes de passar pela experiência. No caso dos manifestantes do PEGIDA, a imaginação mais desvairada determinava sua previsão de como são os muçulmanos, antes de qualquer contato com um muçulmano; da mesma forma, uma geração anterior de cristãos imaginava que os judeus enterravam crianças vivas, sem jamais ter visto algo assim acontecer. A preensão, contudo, pode assumir uma forma mais benigna, expandindo nossa compreensão do ambiente físico.

A preensão permite avaliar o tamanho e as dimensões do espaço urbano quando olhamos diretamente à frente, e não para os lados. Ao nos movermos na direção de uma pessoa ou de um prédio, começamos a fazer contato antecipadamente para entender o que estamos vendo; é o equivalente de pensar que o corpo está quente ou frio antes de tocá-lo. Em Medellín, as crianças exercem a preensão calculando o que têm pela frente antes de virar uma esquina e adaptando o corpo: relaxam se sentem cheiro de comida, sabendo que a Sra. Santos está em casa cozinhando, ou retardam o passo e andam com mais cuidado se não sentirem cheiro nenhum nem ouvirem nada.

*Os limites do safo urbano* — O antropólogo Clifford Geertz desenvolveu uma certa ideia do conhecimento local. Em contraste com anteriores gerações de antropólogos, que tinham como objetivo descrever visões de mundo e o entendimento cosmológico, Geertz considerava que esses altissonantes conceitos se desenvolveram, se é que se desenvolveram, de baixo para cima; a maneira como as pessoas lidam com questões imediatas pode vir gradualmente a se expressar na maneira como encaram "a vida" em geral. Os rituais que orientam cada um também têm início de uma forma especificamente localizada, sustentava Geertz, não surgindo do nada. Por isso ele se sentia

intrigado pela arqueologia, embora nunca a tivesse praticado: parecia-lhe que, nos tempos antigos, saber *onde* alguma coisa havia acontecido era o primeiro passo para entender *o que* acontecera. Da mesma forma, nos tempos modernos, *onde* é a primeira coisa a ser avaliada para entender *o quê*.

Esse é também o entendimento do maior romancista da Colômbia, Gabriel García Márquez. Suas cenas de pequenos gestos em pequenos lugares evoluem para fantasias e mitos que dão sustentação a gerações sucessivas de gente pobre. O conhecimento local gera tradição. Se essa visão dos safos locais produz grande antropologia ou grande arte, não se revelou de igual valor para nossos meninos tentando abrir caminho em Medellín. O safar-se localmente já não é suficiente para orientá-los.

O mais importante projeto arquitetônico em Santo Domingo era a construção de um teleférico eficiente que levasse os moradores da comunidade encarapitada no alto de um morro até a cidade lá embaixo, onde ficavam empregos, igrejas, campos de esporte e lojas. Antes do teleférico, não era possível viver na comunidade de Medellín ignorando a cidade como um todo; internamente, o mercado de trabalho era muito ralo, e as pessoas eram obrigadas a longas horas de transporte morro acima e abaixo em busca de emprego. Mas ainda assim sua visão de mundo podia continuar sendo uma visão de gueto. Da mesma forma, até a Segunda Guerra Mundial, muitos italianos pobres ou mais velhos de Nova York raramente deixavam mentalmente sua comunidade, exceto no caso de homens que viajavam a trabalho. Santo Domingo se desenvolveu graças ao teleférico — que afetou em particular os jovens dessa comunidade de Medellín. Eles podiam descer o morro com rapidez e então mover-se com grande liberdade pela cidade, graças ao preço barato dos transportes em ônibus. Mais recentemente, o smartphone os ligou ao resto do mundo; seja roubado, emprestado ou comprado, ele é hoje ali, como em qualquer outro lugar, a ferramenta mais necessária dos adolescentes urbanos.

Esse horizonte ampliado parece encoberto. Os irmãos adolescentes dos meus guias sabem que não há futuro para eles no isolamento da comunidade, e muitos querem pura e simplesmente sair da cidade. Toda ela hoje está disponível para que os jovens vejam de perto outros modos de vida. Será que os modos de se safar aprendidos localmente pelos jovens poderão

capacitá-los a enfrentar a vida? Tal como em Delhi, assim é também em boa parte da América Latina: o conhecimento local adquirido numa aldeia não os prepara para enfrentar a vida numa cidade grande. Na própria megalópole, a mesma descontinuidade pode marcar a defasagem entre a favela e a metrópole. O Sr. Sudhir dava um jeito graças às suas ligações, e é verdade que em Medellín o tráfico de drogas servia para lançar uma ponte semelhante. Mas hoje em dia, em Medellín, a rota de saída não é canalizada dessa maneira.

Certa tarde, em Medellín, eu fui interrogado a respeito de Nova York por uma jovem estagiária da biblioteca de Mazzanti, de apenas 16 anos. Ela sabia que as ruas dos Estados Unidos não são pavimentadas com ouro, mas ainda assim pretendia rumar para o norte dentro de um ano, fosse legal ou ilegalmente. Perguntou quanto durava a sesta diária em Nova York, e se poderia trabalhar como bibliotecária à noite, depois dos estudos. Minha resposta, explicando que em Nova York ninguém faz sesta, pareceu-lhe estranha (e de fato é); ela também ficou perplexa com o fato de um imigrante ilegal não poder fazer bico à noite numa biblioteca pública. Resolveu então mudar de cidade, e perguntou sobre a sesta em Londres e as possibilidades de lá trabalhar à noite como bibliotecária sem documentos.

Há uma geração, os mexicanos que se viravam na fronteira contaram à socióloga Patricia Fernandez-Kelly que muito poucas lições aprendidas em casa podiam ser aplicadas no exterior. Naturalmente, os desafios de encontrar trabalho, resolver a situação legal, instalar-se num apartamento, ir e voltar do trabalho, conseguir assistência de saúde etc. sempre são árduos para pessoas economicamente marginalizadas, e a famosa "mãozinha" dada pela família só em parte ajuda os recém-chegados. Mas os informantes de Fernandez-Kelly frisavam que os comportamentos de enfrentamento e superação das situações aprendidos no passado não os haviam preparado para o presente simplesmente porque seu conhecimento local era excessivamente dependente do contexto, e portanto dificilmente transportável. Os modos de se safar na vida urbana precisam ser reaprendidos toda vez que alguém se transfere.

A sobrevivência da estagiária de biblioteconomia num ambiente complexo além do local parece semelhante às perspectivas enfrentadas pelos refugiados bósnios que conheci na Suécia, ou às dos sírios hoje na Alemanha.

Como ultrapassar os limites do próprio conhecimento num lugar que não se conhece — especialmente na condição de estrangeiro indesejado?

Gostei daquela jovem e a admirei por sua determinação de melhorar as próprias condições, tanto que mais tarde vim a patrocinar sua ida para a Grã-Bretanha. E decidi fazê-lo quando ela declarou: “Eu dou conta.” Acreditei nela. Quando ela foi rechaçada pelas autoridades de imigração aqui, fiquei consternado, mas ela não. Atualmente, ela trabalha em tempo parcial como assistente de biblioteconomia na Nova Zelândia. Fiquei me perguntando como sua admirável determinação fora posta em prática, como ela conseguira florescer num contexto estrangeiro. De alguma forma ela aprendeu a transcender seu conhecimento local. Como está tão distante, não tenho como saber como isto se deu diretamente dela. Tentei então pensar de maneira mais genérica em como o conhecimento local pode ser ampliado, na vida da cidade.

## II. Conhecimento ambulante — Viver a própria condição em lugares desconhecidos

*Caminhar* — Há muito tempo caminhar significa mais que simplesmente ir de A a B, como no Google Maps. Desde a Antiguidade, o esforço físico de caminhar a pé aprofundava a experiência de uma peregrinação de longa distância ou de uma visita de curta distância a um santuário; o percurso longo e difícil conferia maior prestígio ainda ao destino. No início do Renascimento, em 1336, Petrarca escalou o monte Ventoux, na França, só pela experiência; chegando afinal ao topo, abriu um volume de Santo Agostinho e deu com este trecho: “As pessoas ficam maravilhadas com os picos das montanhas [...] mas [pela caminhada propriamente] não se interessam.” Petrarca concordou, abstratamente, em que o esforço físico da caminhada propriamente dita não tinha valor espiritual. Ainda assim, a caminhada não era perda de tempo, pensava; o esforço físico necessário afastou sua mente das exigências e pressões sofridas lá embaixo, e essa suspensão das “preocupações do vale” por sua vez levou a uma reflexão sobre seu modo de vida. Como diríamos hoje em dia, a caminhada o levou a fazer contato consigo

mesmo — mas, como Pico della Mirandola, Petrarca não sabia muito bem o que significava entrar em contato com o próprio “self”?

A modernidade tornou essa ligação entre caminhar e introspecção ainda mais desconcertante. *Os devaneios do caminhante solitário*, de Rousseau, publicados em 1782, apresentam a caminhada como um estímulo à contemplação; por este simples motivo Rousseau gostava de caminhar no campo, sem as distrações da cidade. Um tipo de caminhante oposto surgiu na pessoa de Restif de la Bretonne, contemporâneo de Rousseau, que caminhava pela cidade como um mineiro prospectando ouro, na esperança de enriquecer seu “self” mergulhando em cenas inusitadas. Em *Les Nuits de Paris*, espécie de diário sobre suas perambulações pela cidade que manteve a partir de 1785, Restif se valia da densidade da vida nas ruas para estimular seus próprios desejos, em grande medida pornográficos. Seguindo seu exemplo, Baudelaire seria estimulado no século seguinte pelas prostitutas e mendigos de Paris, os palácios arruinados da cidade e seus restaurantes absurdamente caros; eles parecem espelhar, revelar algo nele próprio — mas o quê? A própria complexidade da cidade tornava difícil dizê-lo.

A figura do *flâneur* surgiu dessa perplexidade: de certa forma, caminhar pela cidade para se conhecer. Esta figura contrasta com a do etnógrafo, tal como exemplificada pelos pesquisadores da Escola de Chicago. Um etnógrafo estuda os outros; um *flâneur* busca a si mesmo nos outros.

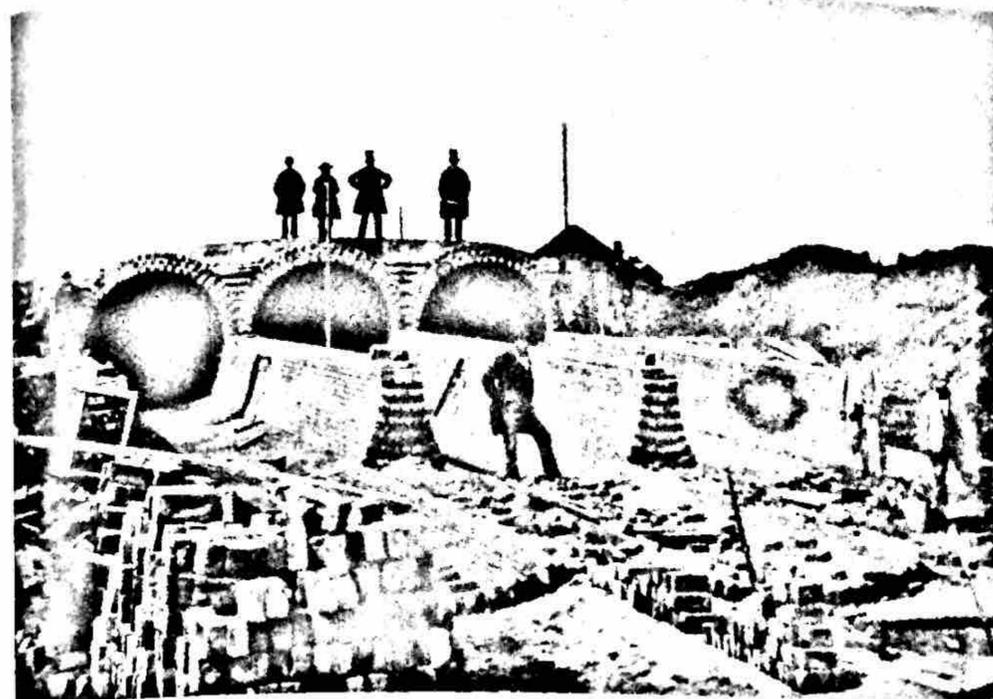
Os estímulos da caminhada foram percebidos de maneira bem diferente por uma figura mais prosaica: o planejador que tenta organizar o movimento. Como vimos no Capítulo 2, o corpo em livre movimento tornou-se um objetivo do planejamento urbano no fim do século XVII e início do XVIII. Esses planejadores se cobriam com o manto da ciência biológica, especialmente a análise da circulação sanguínea efetuada por William Harvey, que se tornou um modelo do traçado de ruas como artérias e veias, e do tráfego de livre fluxo como algo análogo à circulação saudável no corpo. Nesse esquema, a caminhada perdeu seu valor, e a calçada tornou-se menos importante que a pista de rolamento, pois a liberdade de movimento era equiparada à velocidade do movimento. O que de certo modo era ilógico: numa carruagem em velocidade, o indivíduo está sentado imóvel, ao passo que o sangue é bombeado quando usa os dois pés. Os planejadores tinham transferido o

valor biológico de se movimentar livremente do humano para o mecânico, mas o fato é que no *ancien régime* havia um motivo para esta transferência: a enorme defasagem econômica e social entre os que podiam pagar por uma carruagem e os que não podiam, sendo, assim, forçados a caminhar. A cidade do movimento rápido e livre era uma cidade para os privilegiados.

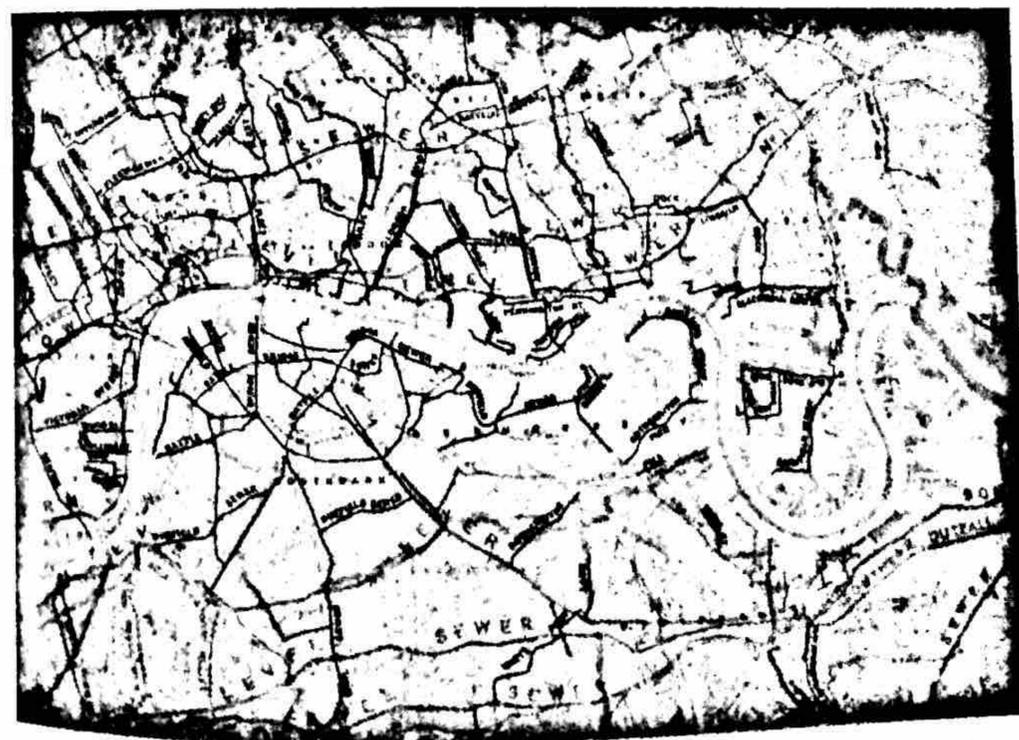
O que acarreta o “livre movimento”? Aqui, temos uma distinção entre o *flâneur* que perambula, sem saber muito bem por que nem para onde ir, e uma pessoa com uma meta clara em mente, como por exemplo ir de casa para o trabalho, ou, num outro espírito, sair em busca de sexo. A mesma divisão entre o sem rumo e o intencional se manifesta entre o turista despreocupado e um caminhante de mente crítica como Iain Sinclair, que viaja a pé com o objetivo de esclarecer onde e de que maneira a cidade abandonou seus pobres, ou chamar a atenção para a estupidez dos planejadores. Assim é que Rebecca Solnit distingue entre o caminhante — aquele que tem uma missão — e o viandante.<sup>8,9</sup>

O *flâneur* viandante é amigo da noite, pois é à noite que a cidade revela seus segredos. Além de dar cobertura a ladrões ou prostitutas, a noite tem sido sempre o momento em que a enorme população de sem-teto de Londres e Paris vinha para as ruas, como mais tarde aconteceria em Delhi, em Nehru Place. O advento da lâmpada a gás não contribuiu muito para conter esse espriar-se da cidade oculta, pois a luz a gás era fraca e a penumbra que projetava, em geral pequena, não passando de 5 a 6 metros no meado do século XIX. Ainda hoje, quando a iluminação a sódio projeta uma uniforme palidez amarelo-alaranjada nas ruas, a noite é transformadora; as figuras perdem a cor e as luzes de sódio criam suas próprias sombras.

O *flâneur* viandante é um espírito mais aberto, eu diria, que o caminhante munido de um propósito, pois o seu conhecimento dos lugares e das pessoas pode se expandir de maneiras imprevistas. Mas o que exatamente ele está aprendendo? Trata-se de uma questão prática para pessoas como os jovens de Medellín, já agora capazes de perambular pela cidade: como poderão romper os limites do local, tal como acabamos de descrevê-los, caminhando pela cidade — e não simplesmente recorrendo ao Google ou ao YouTube?



1. Joseph Bazalgette (acima, à direita), o melhor engenheiro da cidade, inspeciona a construção dos esgotos de Northern Outfall, junto à estação de bombeamento de Abbey Mills, em Londres, c. 1860. W. BROWN/OTTO HERSCHAN/GETTY



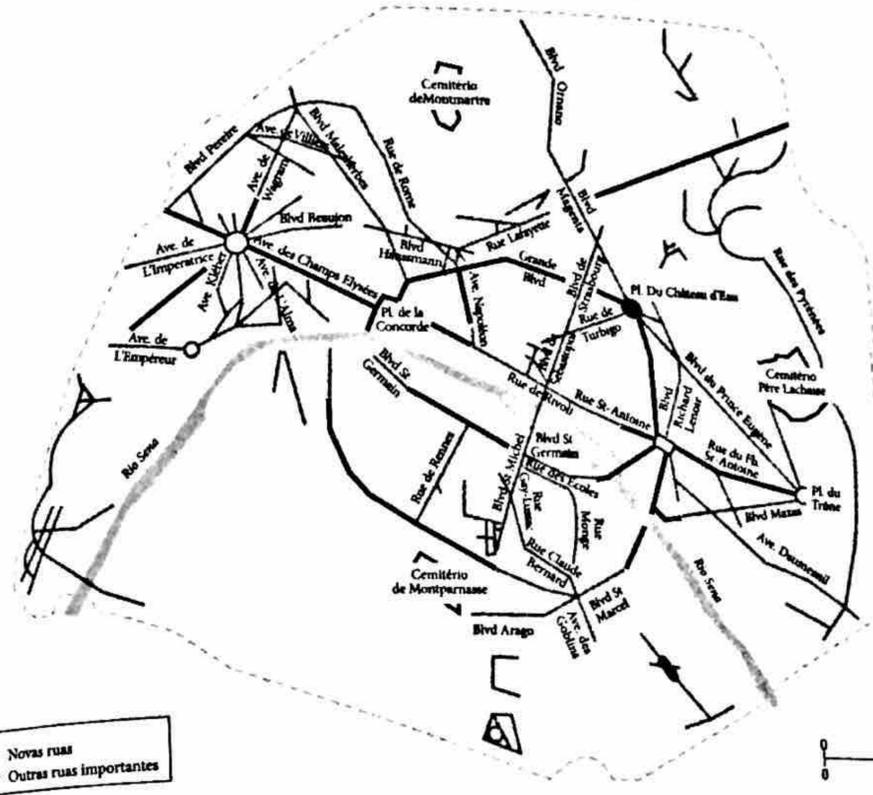
2. Os esgotos de Bazalgette compunham uma rede mais conectada e eficiente do que as ruas. JACK TAYLOR/GETTY



3. Em Paris, o barão Haussmann reconstruiu a cidade de uma perspectiva superior, prestando menos atenção que Bazalgette à cidade fervilhando sob seus pés, c. 1300.



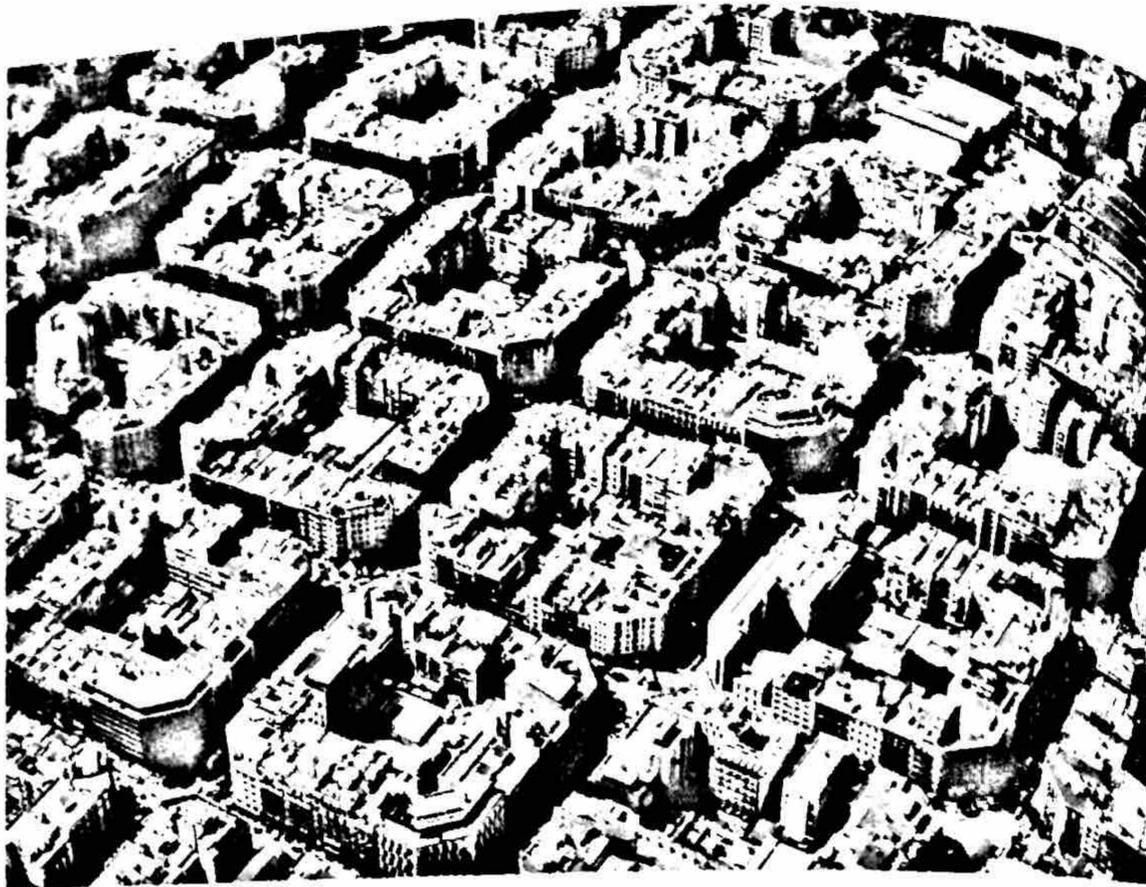
4. As barricadas eram uma ameaça política: Haussmann construiu bulevares largos onde, em tempos de agitação, duas filas de canhões puxados a cavalo poderiam atirar nos cruzamentos. RUA SAINT-MAUR-POPINCOURT, 25 DE JUNHO DE 1848. THIBAUT/MUSÉE D'ORSAY/HERVÉ LEWANDOWSKI



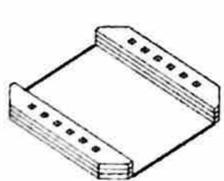
5. A solução de transporte de Haussmann dividiu Paris em três *réseaux*, ou redes de bulevares. PRINCIPAIS RUAS CONSTRUÍDAS EM PARIS, 1850-70, COM BASE EM LES TRAVAUX DE PARIS, 1789-1889 (PARIS, 1889), ILUSTRAÇÕES XI E XII.



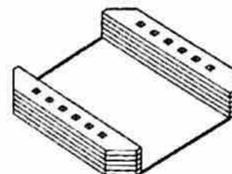
6. Na rua de Haussmann, as pessoas se misturavam socialmente e circulavam com eficiência. Progresso à custa da repressão? EUGENE GALIEN-LALOUÉ, BOULEVARD HAUSSMANN. (JACQUES LIEVIN/COLEÇÃO PARTICULAR/CHRISTIE'S/BRIDGEMAN)



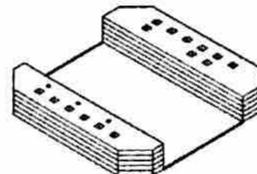
7. Em Barcelona, Ildefons Cerdà, diferentemente de Haussmann, focou nos prédios em vez do espaço público. Os quarteirões acentuaram o padrão geométrico das ruas. VISTA AÉREA DO BAIRRO RESIDENCIAL EIXAMPLE, BARCELONA. (JACKF/ IStock)



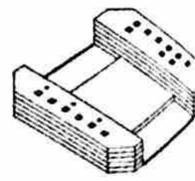
a visão de Cerdà  
2-3 andares



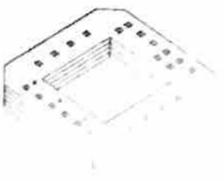
construído  
5-6 andares



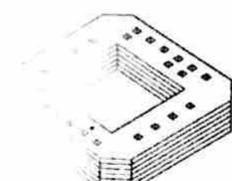
ampliação dos quarteirões  
[década de 1870]



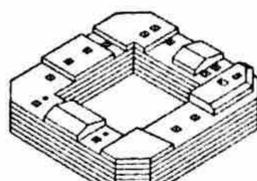
construção "interna"  
[década de 1890]



quarteirão fechado  
[década de 1920]



elevação da altura



acréscimo de sótão  
[década de 1970]

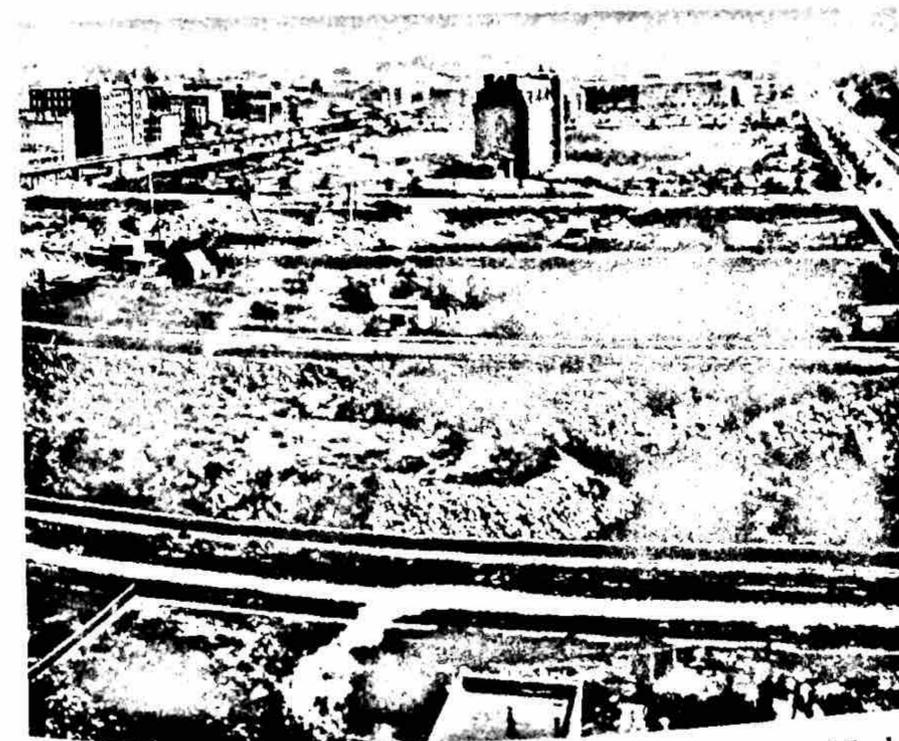


exemplo  
[2014]

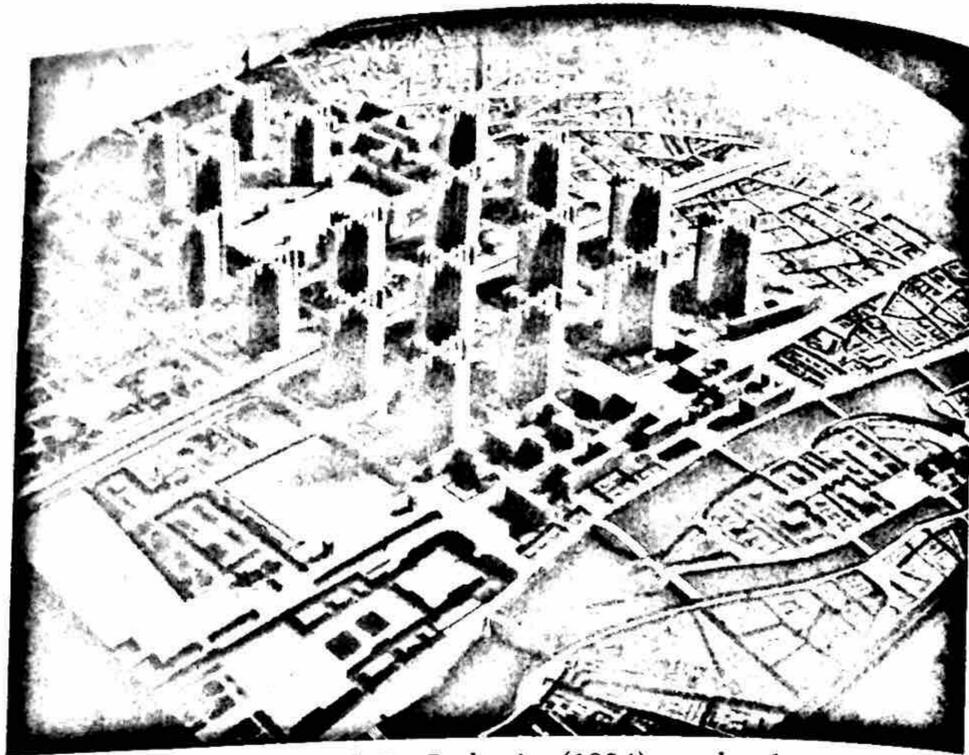
8. Como os prédios do plano Cerdà poderiam ter sido estruturados. (GUNTER GASSNER)



9. Em Nova York, Frederick Law Olmsted buscou uma terceira via na construção da cidade ao criar refúgios das ruas em parques públicos como o Central Park. Em espaços assim, pessoas de diferentes raças, classes e etnias poderiam se misturar socialmente. PATINAÇÃO NO CENTRAL PARK EM FRENTE AO EDIFÍCIO DAKOTA, C. 1890. (J. S. JOHNSTON/NEW YORK HISTORICAL SOCIETY)



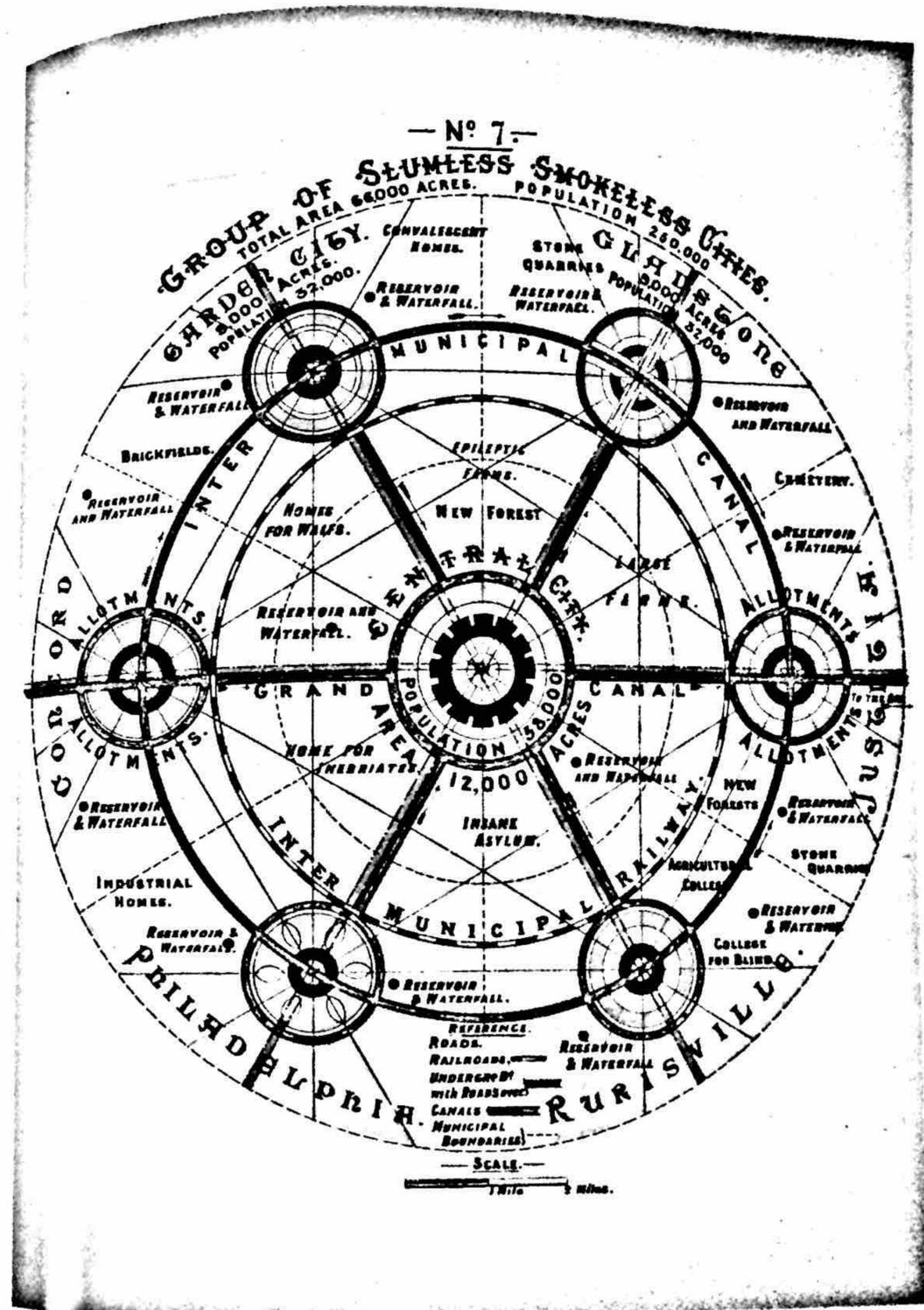
10. A realidade urbana desoladora do lado de fora do Central Park. ALA NORTE DO DAKOTA, NA RUA 72. (NEW YORK HISTORICAL SOCIETY)



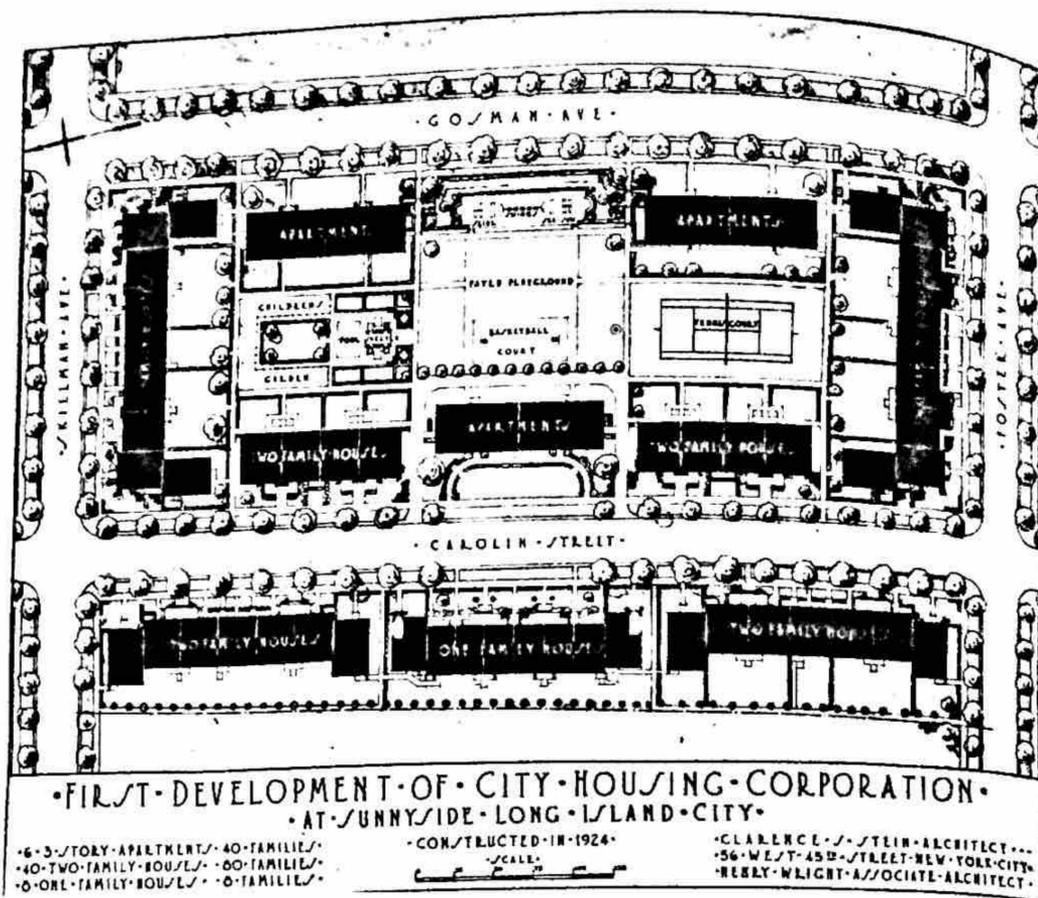
11. Maquete do Plan Voisin de Le Corbusier (1924), um herdeiro perverso do plano de Cerdà de construir a cidade em quarteirões uniformes. O objetivo é não proporcionar movimentação nas ruas. CHARLES-EDOUARD JEANNERET. (BANQUE D'IMAGES/ADAGP/ART RESOURCE)



12. O Plan Voisin tornou-se modelo para conjuntos habitacionais e para a segregação da população pobre, como visto neste projeto nova-iorquino de 1950. CONJUNTO HABITACIONAL DE ROBERT F. WAGNER NO EAST HARLEM, NOVA YORK. (MADAMECHAOTICA/CREATIVE COMMONS)



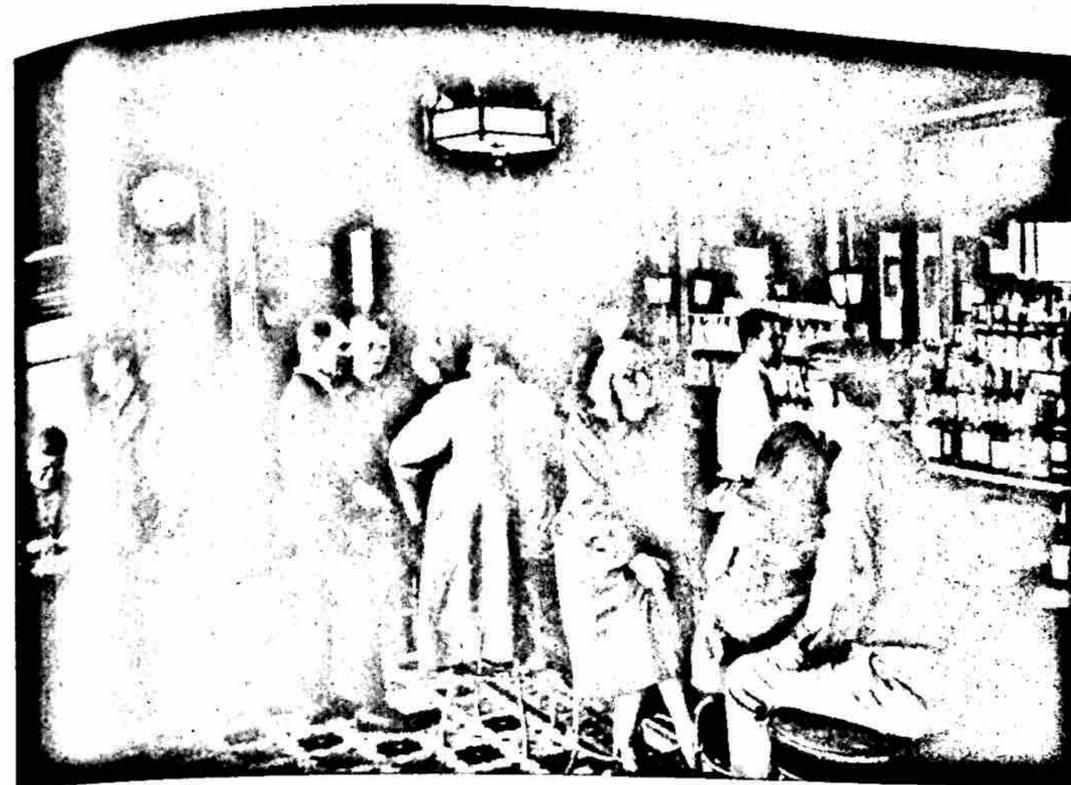
13. Concepção de um "Grupo de cidades sem favelas nem fumaça", por Ebenezer Howard. Lewis Mumford respondeu ao Plan Voisin com sua própria visão da cidade-jardim, renovando a área com um plano que une todos os aspectos da vida na cidade.



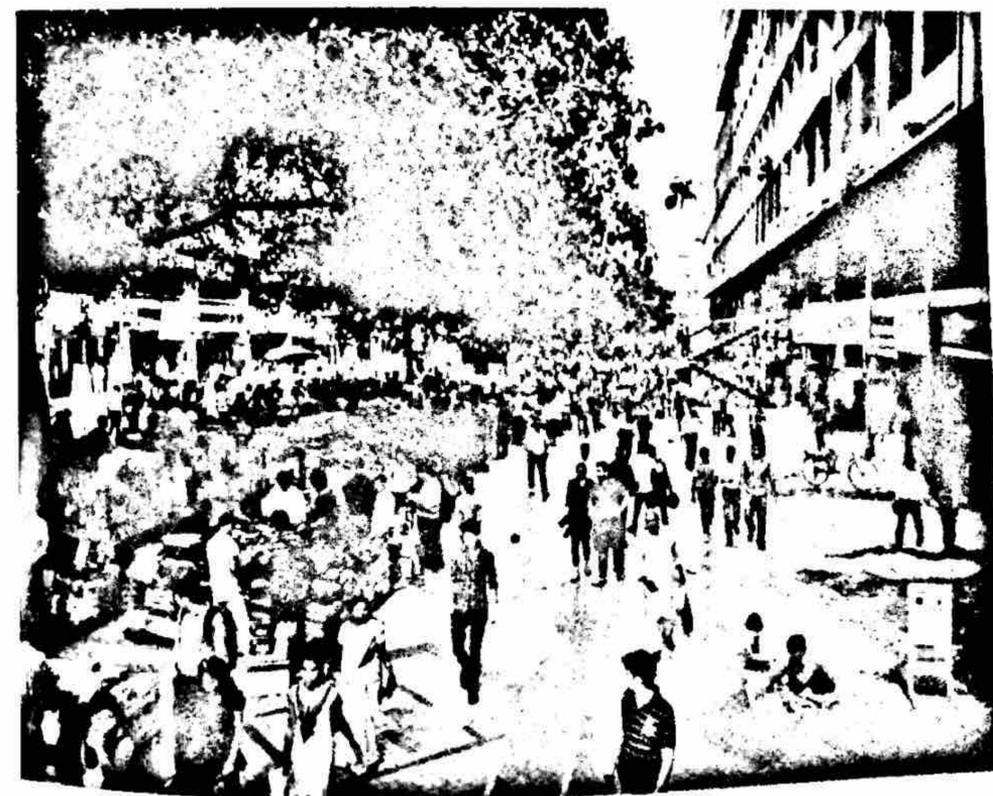
14. Mumford trabalhou em uma peça da cidade-jardim neste projeto para Sunnyside, Queens, Nova York. PRIMEIRO EMPREENDIMENTO DA CITY HOUSING CORPORATION EM SUNNYSIDE, LONG ISLAND CITY. (PAPÉIS DE CLARENCE S. STEIN, CORNELL UNIVERSITY LIBRARY)



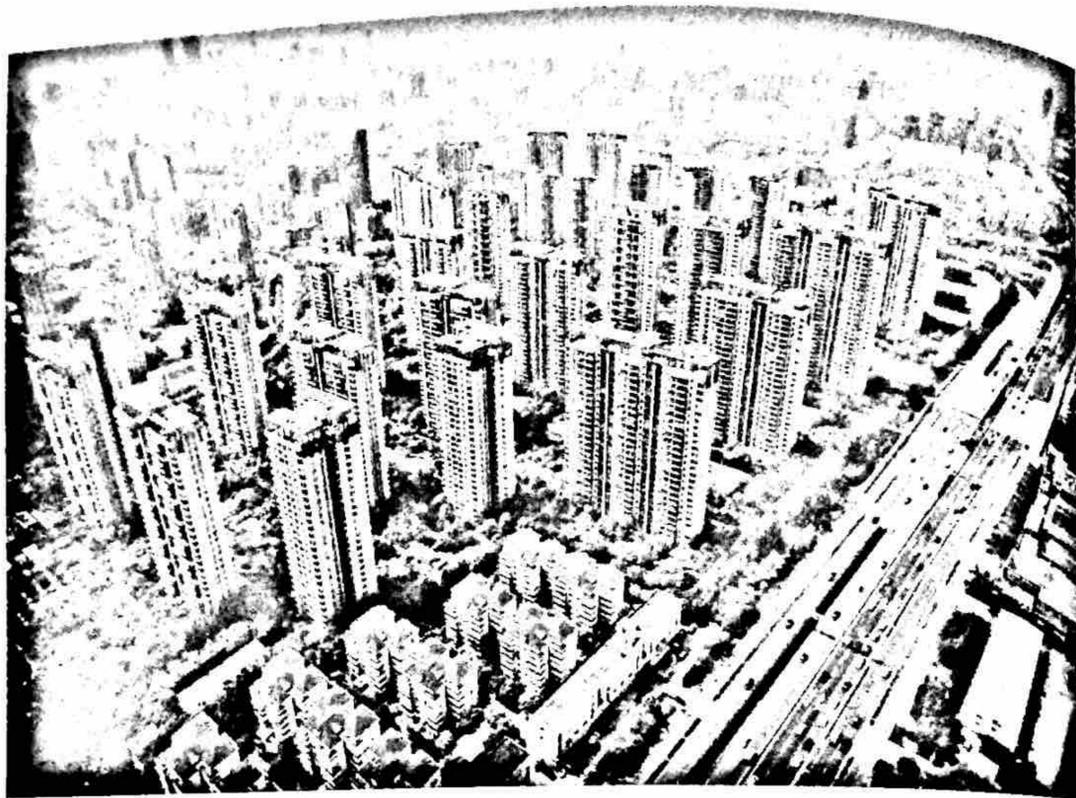
15. A solução de Jane Jacobs para o espaço urbano moribundo: o Greenwich Village, em Nova York, como reminescente da Paris antes de Haussmann. GREENWICH VILLAGE NO FIM DE SEMANA DO 4 DE JULHO DE 2016. (RYAN DEBERARDINIS/SHUTTERSTOCK)



16. Diferentemente de Olmsted, Jacobs preferia que os espaços para socialização estivessem conectados à vida nas ruas. Na White Horse Tavern, no Greenwich Village, ela conversa animadamente com o autor, alheios ao homem bêbado que dorme entre os dois. JANE JACOBS NA WHITE HORSE TAVERN NA DÉCADA DE 1960. (CERVIN ROBINSON)



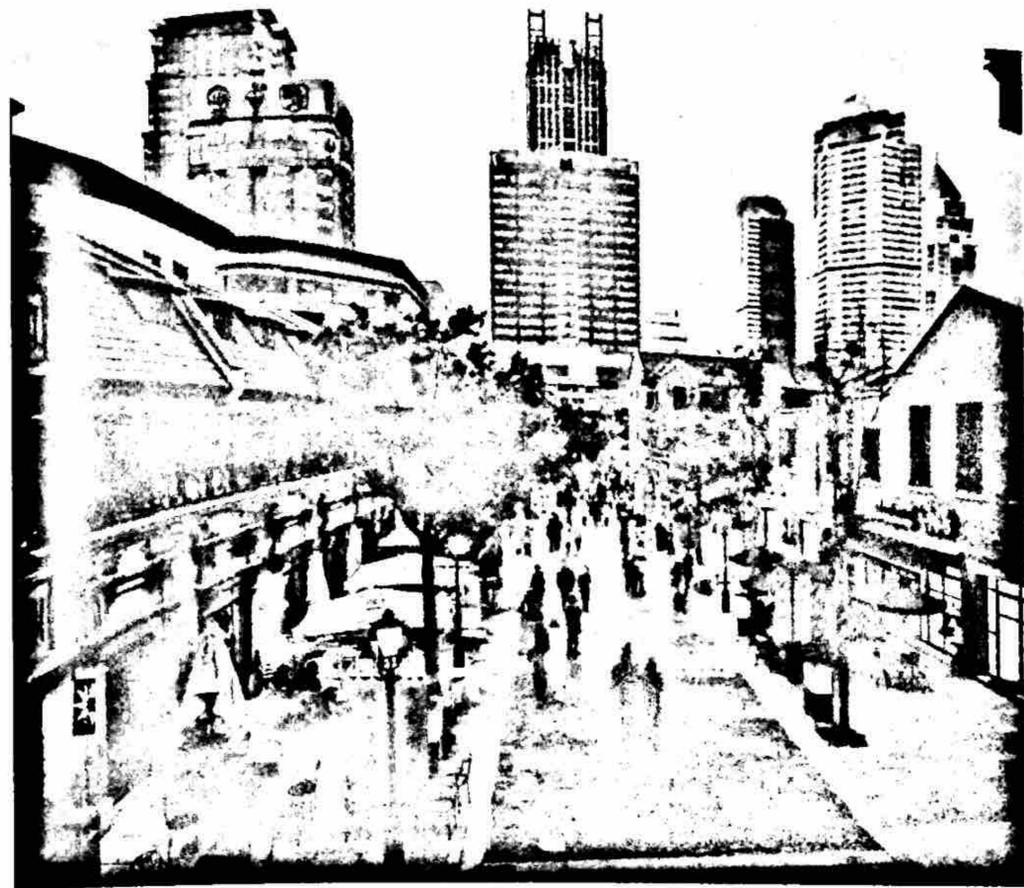
17. Um espaço aberto hoje: Nehru Place em Delhi, Índia, usado por transeuntes, camelôs de eletrônicos roubados e vendedores de saris, ladeados por escritórios de start-ups. (RICHARD SENNETT)



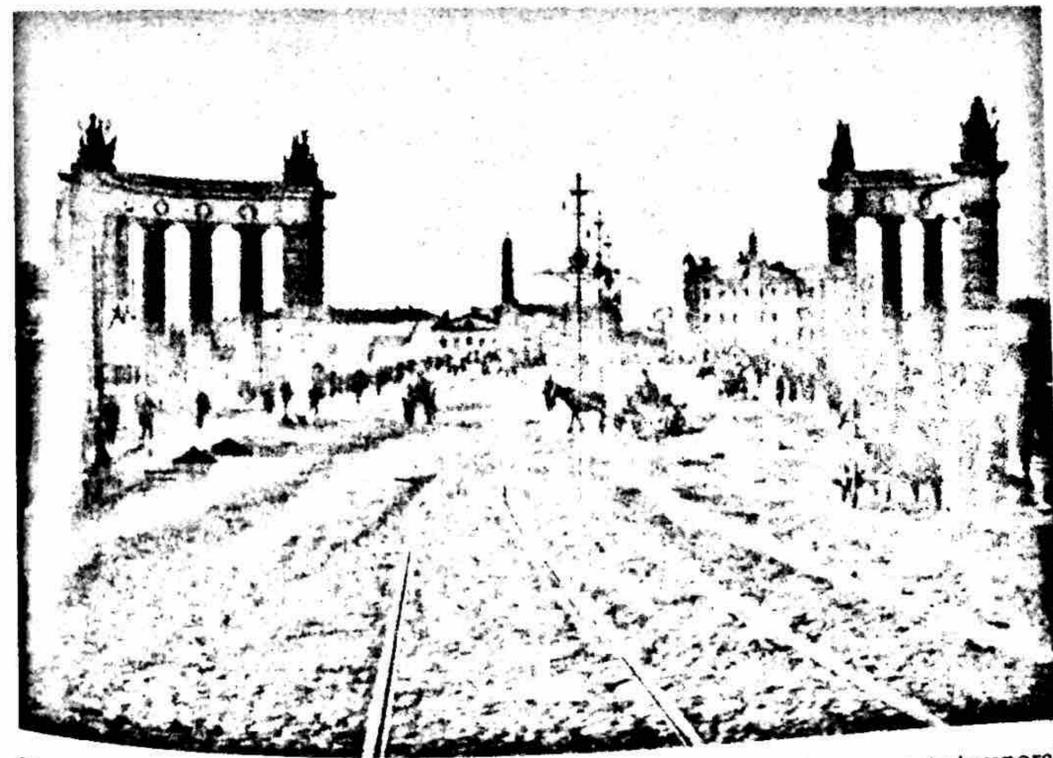
18. Espaço fechado em Xangai. Pudong é uma versão sofisticada do Plan Voisin. PRÉDIOS DE APARTAMENTOS NA REGIÃO DE PUDONG, XANGAI. (CHRISTIAN PETERSEN-CLAUSEN/GETTY)



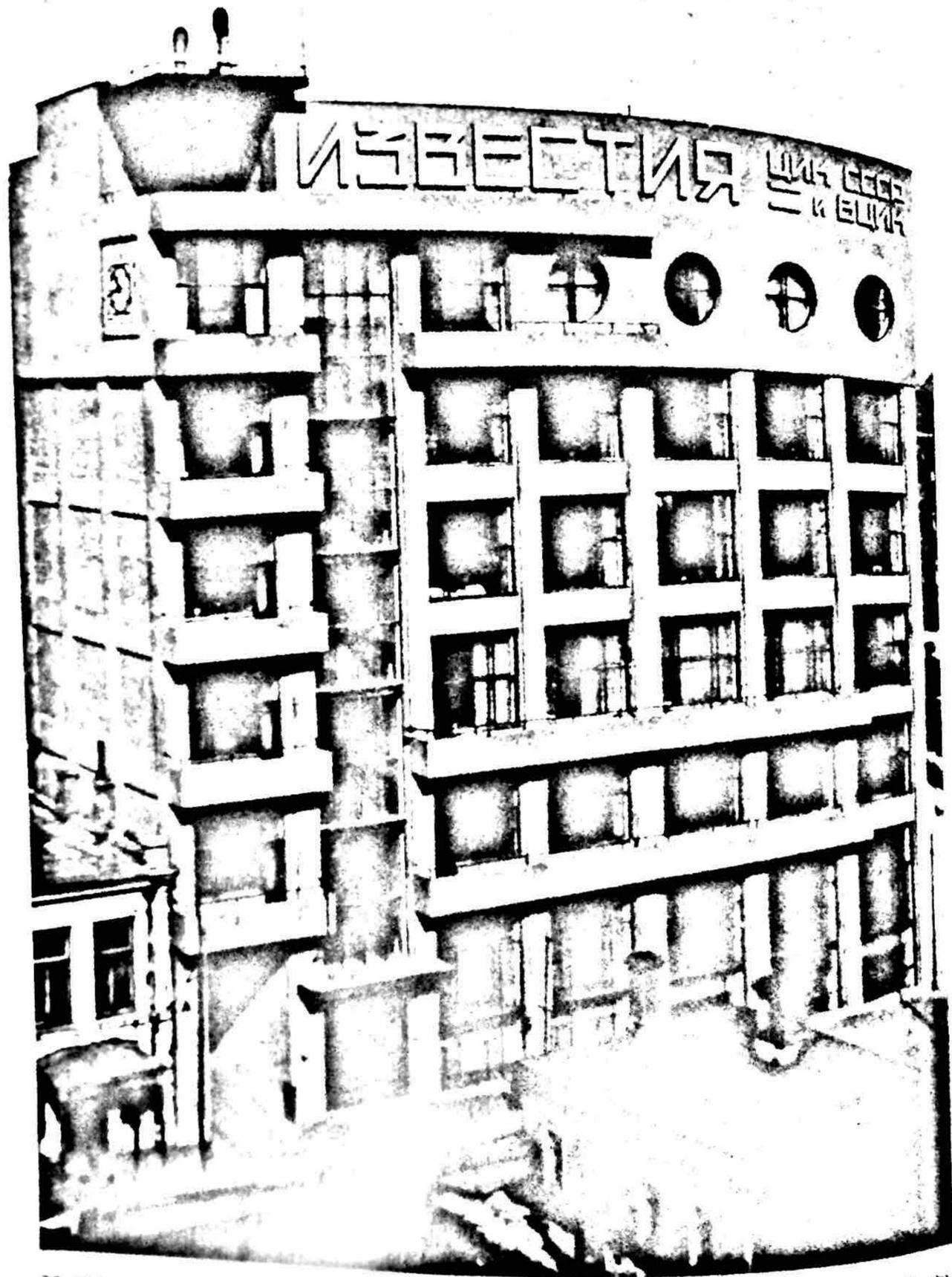
19. Do aberto para o fechado: o shikumen de Xangai já foi um tipo de habitação no qual as pessoas podiam interagir. (GANGFENG WANG, GANG OF ONE PHOTOGRAPHY)



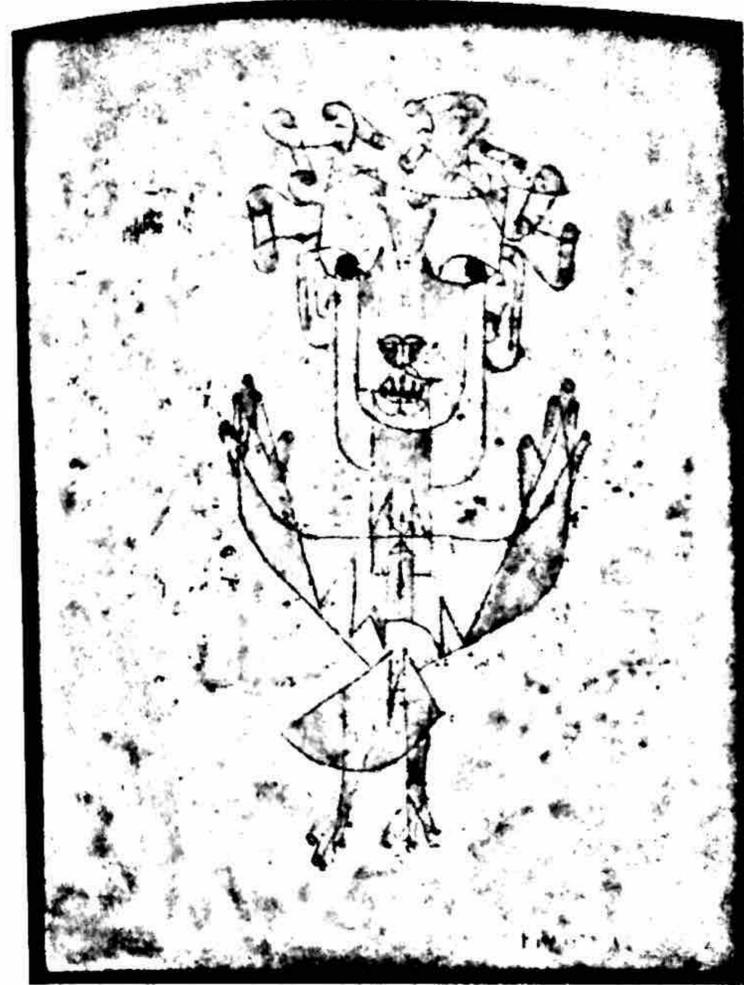
20. O shikumen fechado: limpo, seus antigos habitantes expulsos. BAIRRO DE XINTIANDI, XANGAI. (SHUI ON LAND/STUDIO SHANGHAI)



21. Em viagem a Moscou, o escritor Walter Benjamin contemplou o aspecto temporal do espaço aberto e fechado: o passado fechado, o presente aberto. Aqui, o passado em toda a sua contradição. PONTE BORODINSKY, MOSCOU, EM 1926. (YURY YEREMIN)



22. O futuro exemplificado por um edifício moscovita moderno que parecia englobar abertura e esperança. O COMPLEXO IZVESTIA, CONSTRUÍDO NA PRAÇA STRASTNAYA EM 1924-1927.



23. Preso entre o passado e o futuro, Benjamin se identificou com o *Angelus Novus*, de Paul Klee, que representa, segundo Benjamin, uma figura que "olha para trás enquanto é impulsionada para a frente". PAUL KLEE, *ANGELUS NOVUS* (1920).



24. A cabana de Heidegger, na Floresta Negra, Todtnauberg, um símbolo da fuga da cidade e, por consequência, do contato com os judeus. A simplicidade na construção se combina à exclusão social. (ANDREAS SCHWARZKOPF/CREATIVE COMMONS)



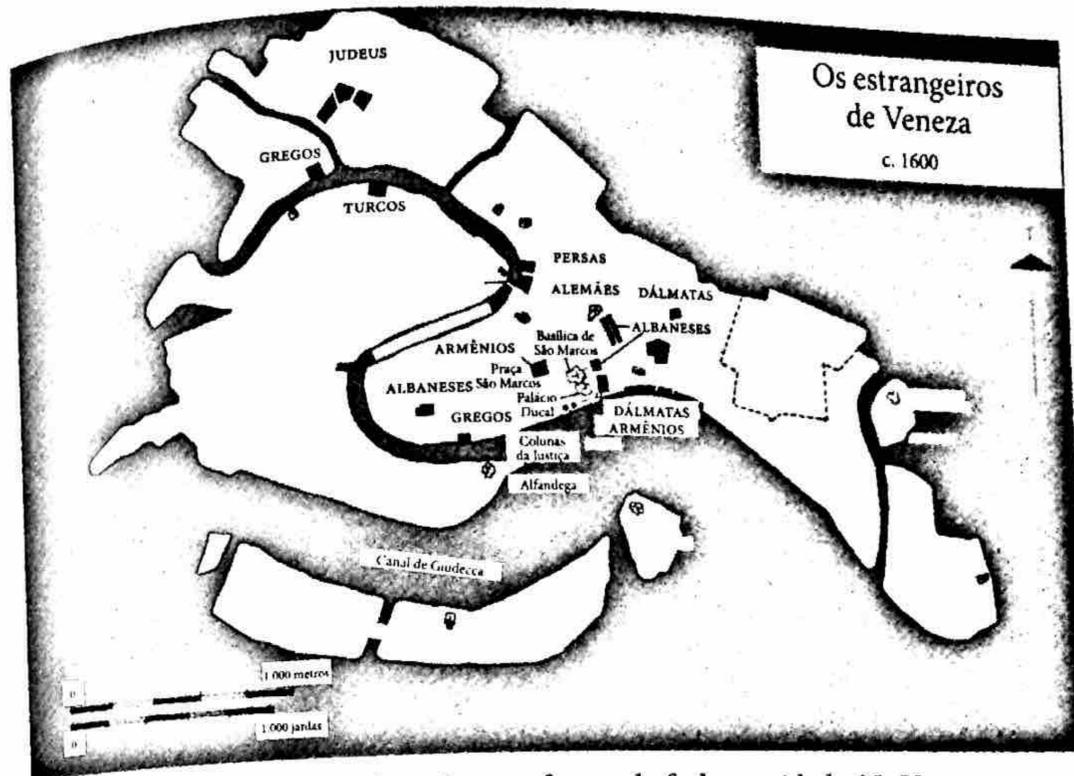
25. Martin Heidegger. Para ele, doméstico significa seguro.



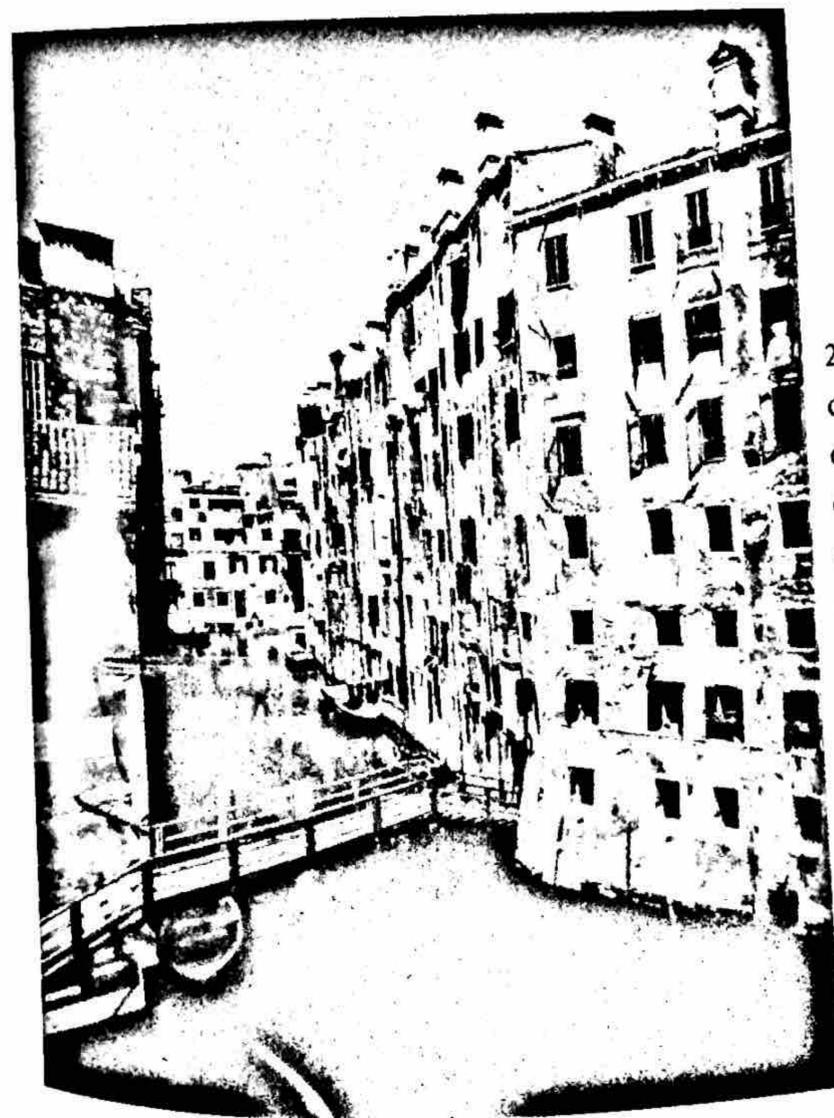
26. Paul Celan, o poeta confinado que escreveu um famoso poema sobre a cabana de Heidegger. (CREATIVE COMMONS)



27. Edmund Husserl, o professor meio-judeu de Heidegger, foi um dos excluídos de seu convívio. Também foi barrado da livraria da Universidade de Freiburg no breve período em que Heidegger foi reitor da instituição. (CREATIVE COMMONS)



28. Segregação em vez de fuga é outra forma de fechar a cidade. Na Veneza renascentista, estrangeiros foram obrigados a viver em habitações isoladas dos cidadãos. O gueto judeu ficava na periferia ao norte da cidade.



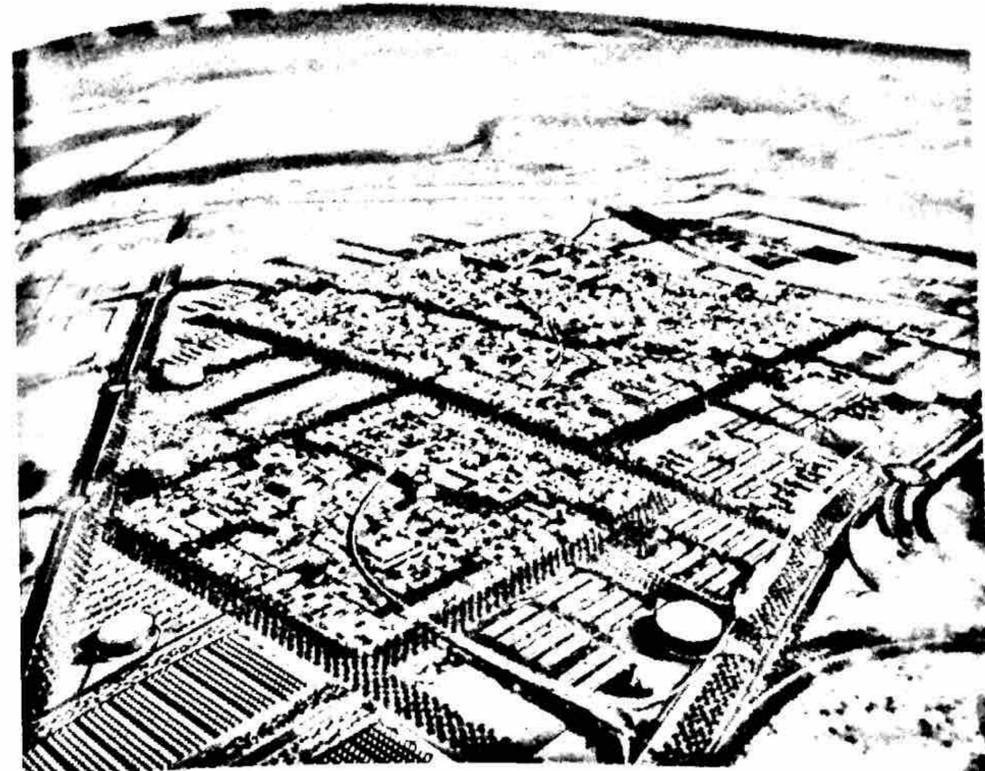
29. A única ponte conectando o gueto à cidade: aberta durante o dia, fechada à noite, sempre vigiada pelas autoridades.



30. Uma versão corporativa e autoimposta de um gueto: o Googleplex em Nova York, isolado da atividade das ruas. FACHADA DO EDIFÍCIO DA OITAVA AVENIDA, Nº 111, VISTA DA NONA AVENIDA, BAIRRO DE CHELSEA, MANHATTAN. (SCOTT ROY ATWOOD/CREATIVE COMMONS)



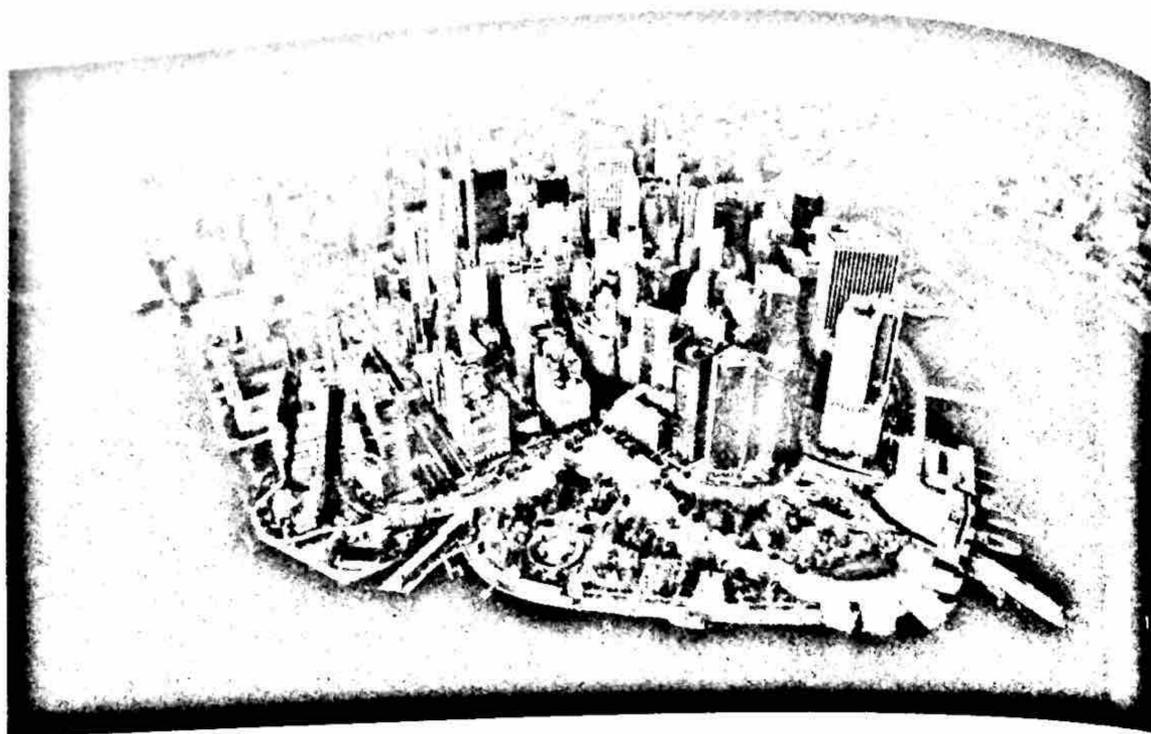
31. Não há motivo para deixar o prédio: os espaços de trabalho e lazer são integrados. A empresa fornece, entre outros, serviços de limpeza e atendimento médico. INTERIOR DO GOOGLEPLEX. (MARCIN WICHARY)



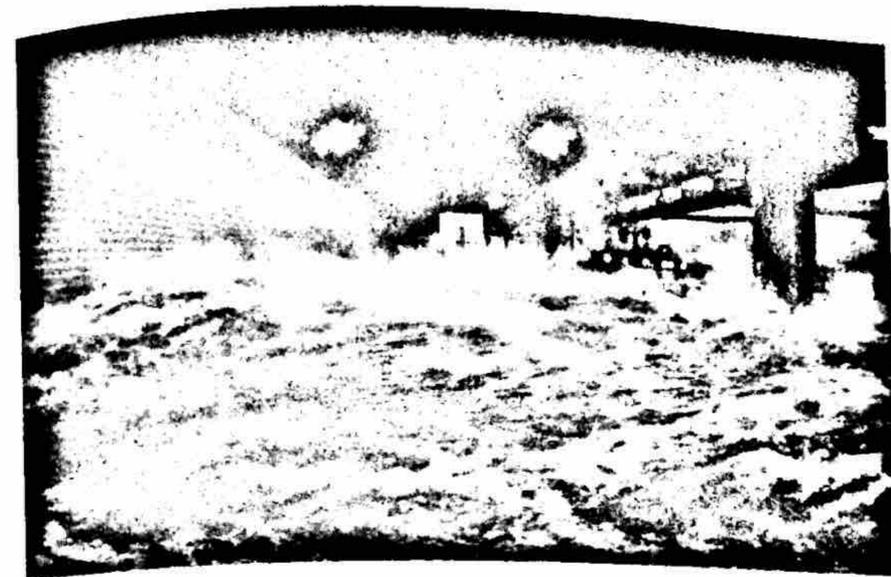
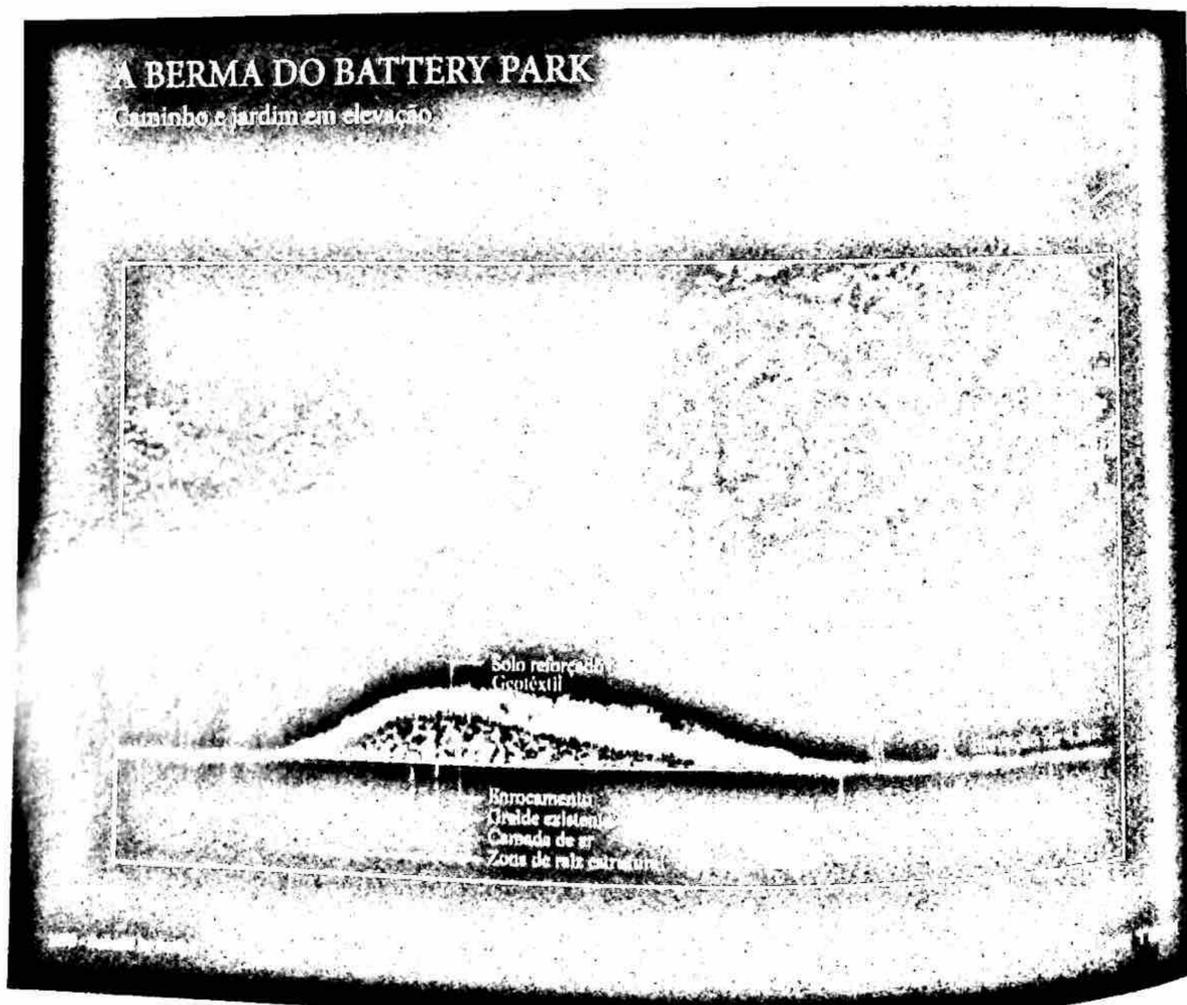
32. O fechamento e a "cidade inteligente" 1: em Masdar, nos Emirados Árabes Unidos, um único centro de comando regula todos os aspectos da vida na cidade. Remete à descrição de Corbusier para o Plan Voisin como algo que deveria incorporar a cidade como "uma máquina para viver". (LAVA - LABORATORY FOR VISIONARY ARCHITECTURE)



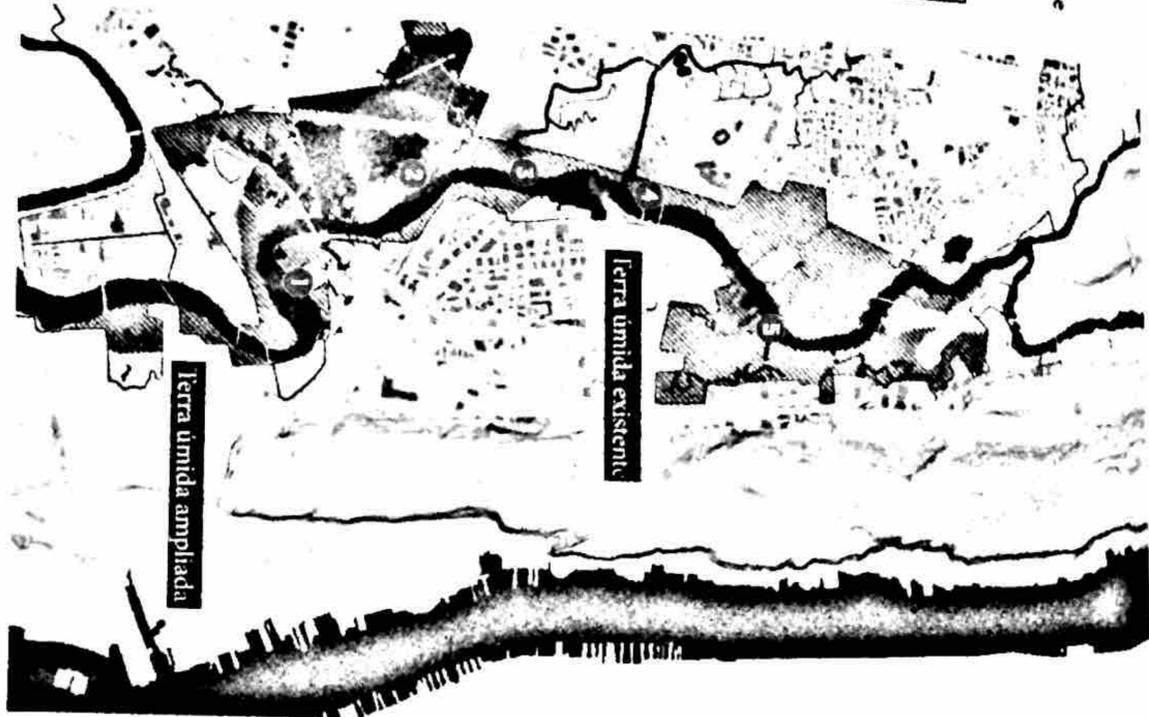
33. O fechamento e a "cidade inteligente" 2: a cidade de Songdo, na Coreia do Sul. Seus espaços sociais cuidadosamente idealizados são um fracasso; os residentes preferem lugares que surgiram de modo informal e que não se enquadram no planejamento urbano. PARQUE CENTRAL DE SONGDO EM INCHEON, COREIA DO SUL. (PKPHOTOGRAPH/SHUTTERSTOCK)



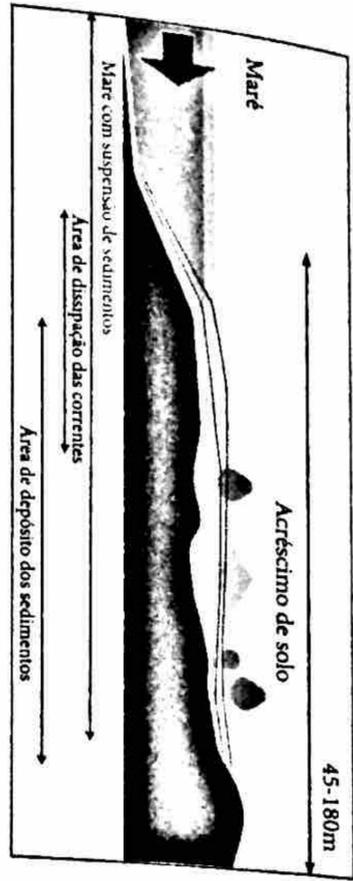
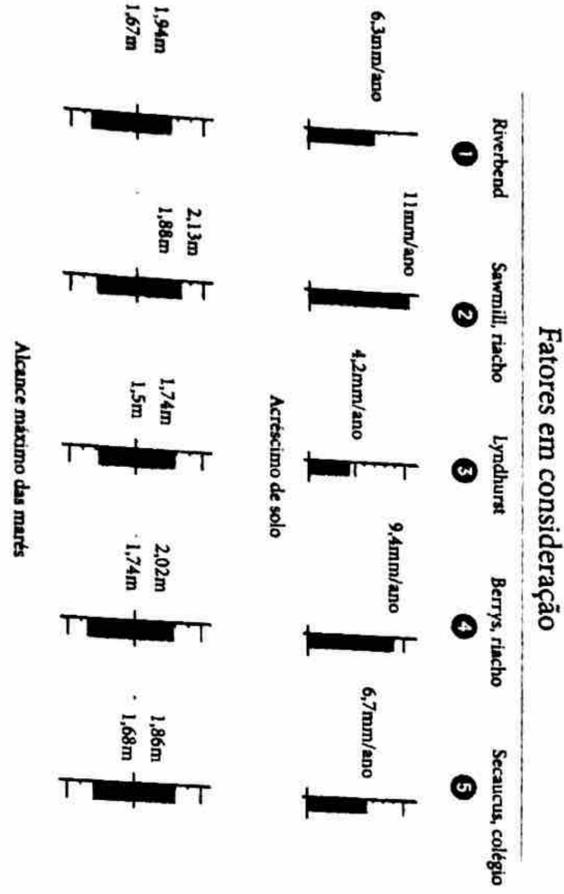
34. Abertura e fechamento diante de mudanças climáticas: após o furacão Sandy em 2012, em Nova York, o Bjarke Ingels Group (B.I.G.) propôs criar uma grande berma — uma barreira de areia — na parte sul de Manhattan. ADAPTAÇÃO DE BERMA INTEGRANTE DA PROPOSTA DA REBUILD BY DESIGN PARA O BATTERY PARK. (BIG-BJARKE INGELS GROUP)



35. O objetivo da berma é represar mudanças climáticas traumáticas e atenuar a intensidade de tempestades futuras para que as pessoas possam continuar suas vidas normalmente. ADAPTAÇÃO DE RECREAÇÃO E PROTEÇÃO CONTRA TEMPESTADES, PARTE DO PROJETO DA REBUILD BY DESIGN PARA O BATTERY PARK. (BIG-BJARKE INGELS GROUP)



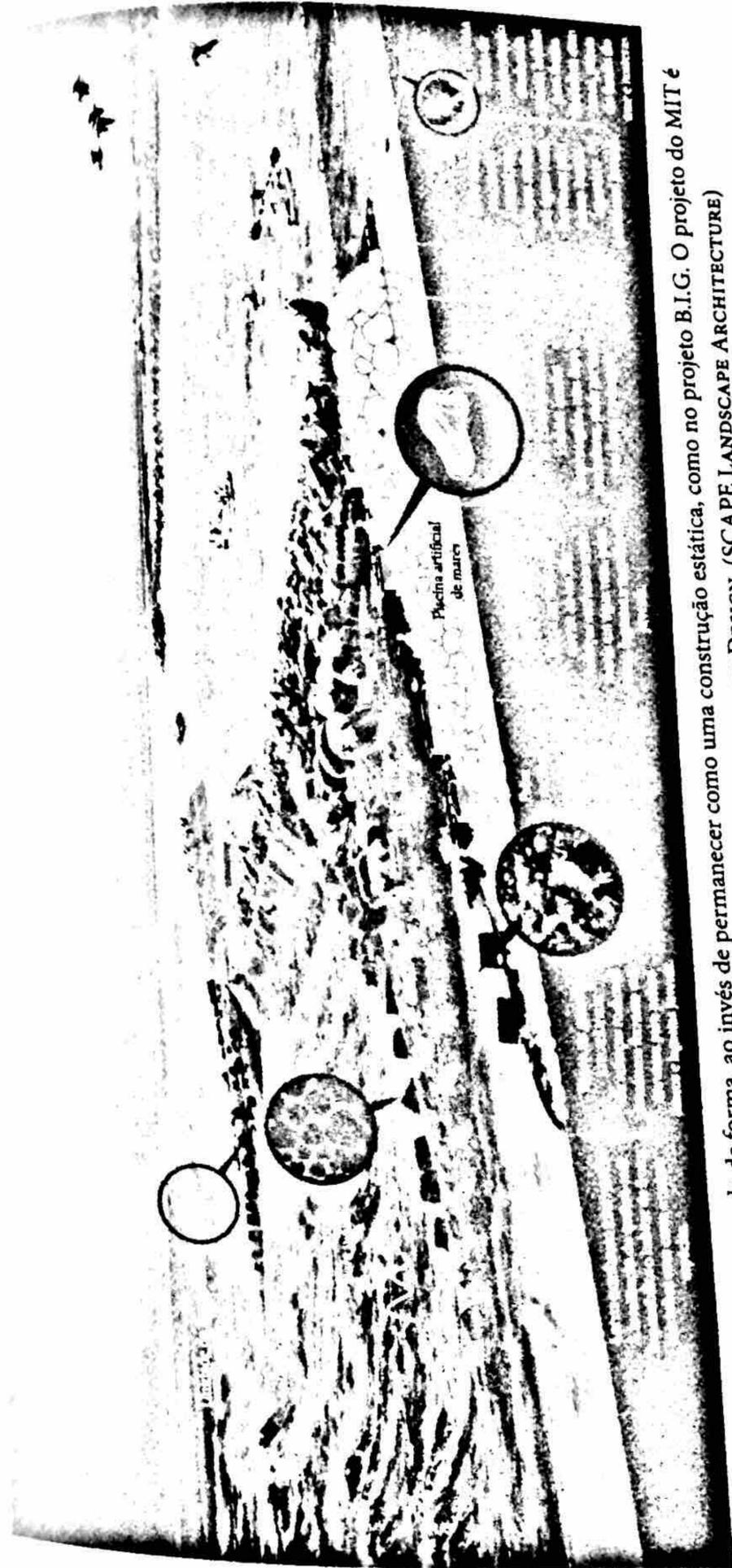
36. Em um projeto criado em parceria com o MIT, a ênfase está na adaptação, em vez da atenuação. Isso criaria uma berma de zona úmida ao longo de Manhattan, que trabalharia o fluxo e refluxo da água enquanto a tempestade se intensifica ou diminui. ADAPTAÇÃO DE BERMA CONCEBIDA PELA REBUILD BY DESIGN PARA NEW MEADOWLANDS. (MIT CENTER FOR ADVANCED URBANISM)



**Como funciona o acréscimo de terreno?**

A adaptabilidade das terras úmidas ao longo do tempo está associada ao acréscimo de solo, que por sua vez depende do uso dos padrões de transporte dos sedimentos das marés.

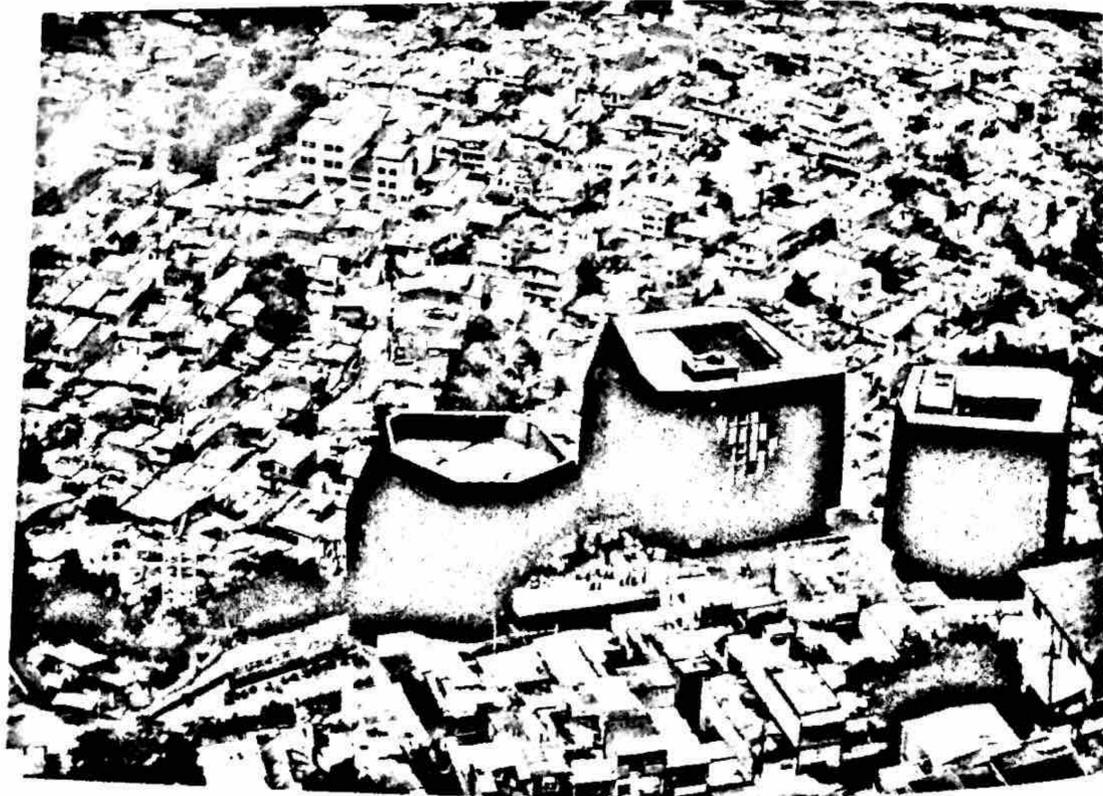
*As terras úmidas e sua capacidade de transformação gradual são um fator fundamental do design.*



37. O resultado é que a berma muda de forma, ao invés de permanecer como uma construção estática, como no projeto B.I.G. O projeto do MIT é mais aberto por sua adaptabilidade. QUEBRA-MAR VIVO CONCEBIDO PELA REBUILD BY DESIGN. (SCAPE LANDSCAPE ARCHITECTURE)



38. Abrindo comunidades isoladas: um teleférico em Medellín, Colômbia, possibilita aos residentes de uma região pobre e isolada o acesso à cidade abaixo. (STATICSHAKEDOWN/CREATIVE COMMONS)



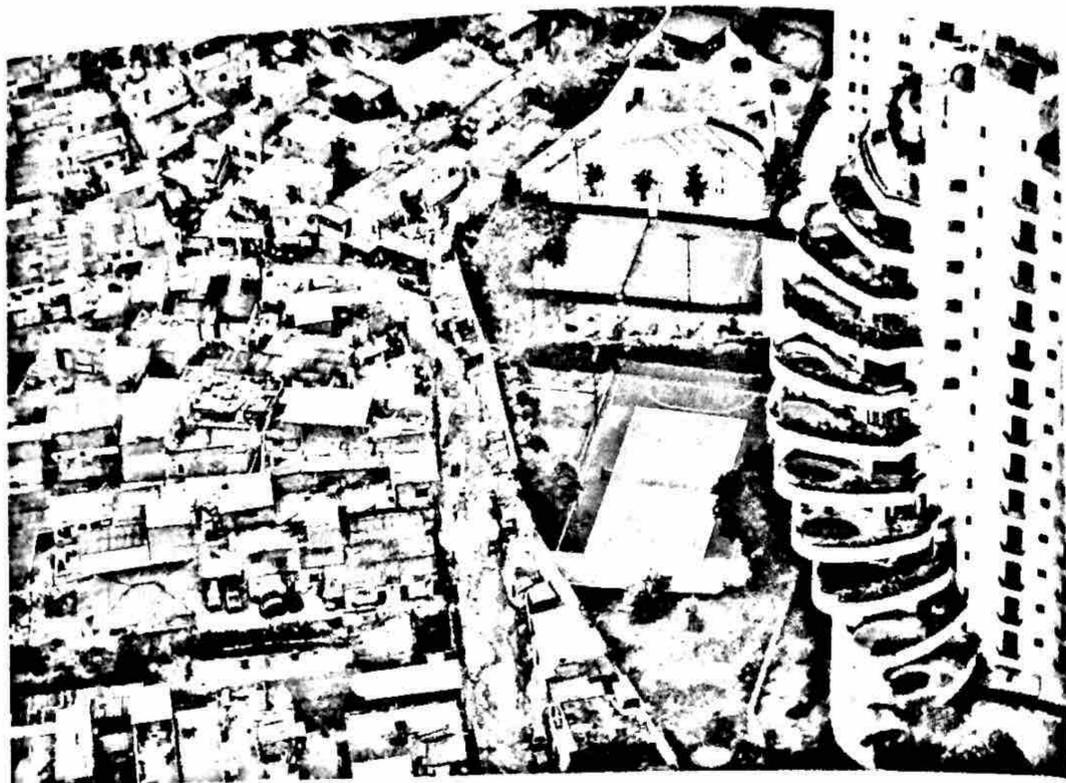
39. Na mesma comunidade, uma livraria administrada pelos moradores locais conectou aqueles que costumavam viver isolados e com medo uns dos outros. (PREFEITURA DE MEDELLÍN)



40. Em Bombaim, uma rua interna aberta mescla habitação e trabalho no mesmo espaço e ao mesmo tempo — a vida na rua celebrada por Jane Jacobs em Nova York. (PHILIPP RODE)



41. Em Nápoles, a presença de estranhos, na forma de turistas, traz vida a ruas antes moribundas. As imagens 38-41 deixam claro que a abertura das cidades pode ser alcançada de modos variados. SPACCANAPOLI, NÁPOLES, ITÁLIA. (IVANA KALAMITA/CREATIVE COMMONS)



42. A divisa é um limite fechado, como neste caso extremo em São Paulo. DIVISA ENTRE A FAVELA PARAISÓPOLIS E O BAIRRO DO MORUMBI EM SÃO PAULO, BRASIL. (TUCA VIEIRA)



43. O fluxo do tráfego é uma barreira tão impenetrável quanto uma parede sólida. VISTA AÉREA DE CARACAS, VENEZUELA. (ALEJANDRO SOLO/ SHUTTERS-TOCK)



44. A fronteira aberta nas margens do Borough Market, Londres. Este é um limite poroso. (NATALYA OKOROKOVA/POND5)



45. Este limite em Bombaim é tanto aberto quanto fechado. O trem na rua de trás é uma zona de perigo que os residentes temem e da qual se mantêm afastados, enquanto a rua da frente é multifuncional, cheia de gente, o tempo todo. (RAJESH VORA)



46. Demarcação de lugar: um marco arbitrário de valor em Medellín é feito pelo gesto simples e informal de colocar uma planta na entrada de uma habitação.



47. Demarcação de lugar: um marco igualmente arbitrário de valor, porém muito mais calculado e arquitetural. (ARDFERN/CREATIVE COMMONS)



48. Uma intervenção com contexto específico: mobiliário de jardim público instalado nos degraus de uma construção. (TOM PLEVNIK/SHUTTERSTOCK)



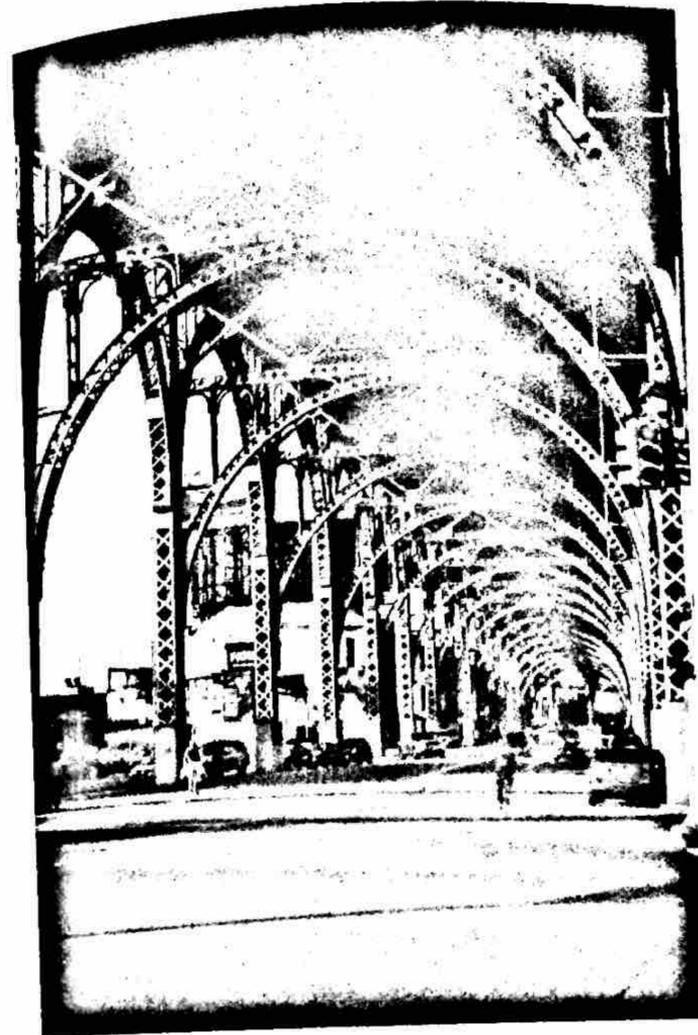
49. Uma intervenção sem contexto específico: estas cadeiras e mesas coloridas podem ser colocadas em qualquer lugar, e poderiam atribuir valor a qualquer espaço. (SEVENKE/SHUTTERSTOCK)



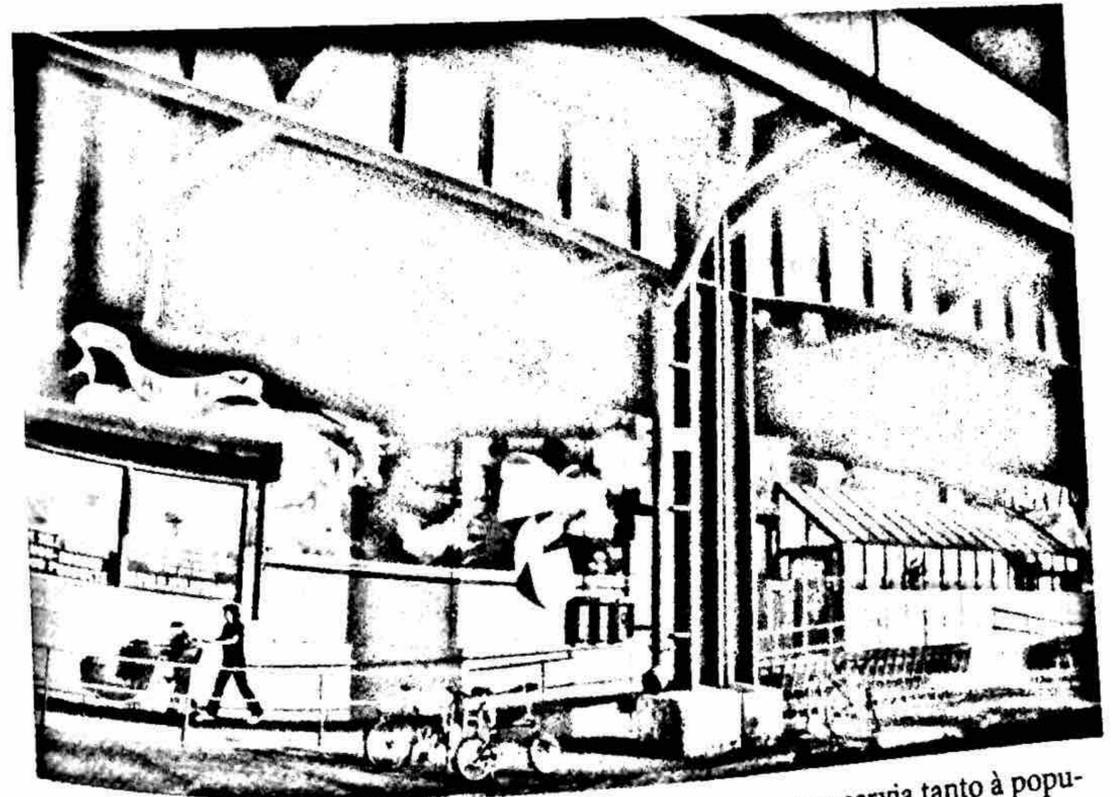
50. O arquiteto holandês Aldo van Eyck construiu um parque em Amsterdã a partir de um cruzamento de tráfego. A "abertura" foi criada por apropriação. (VAN BOETZELAERSTRAAT, AMSTERDÃ, 1961)



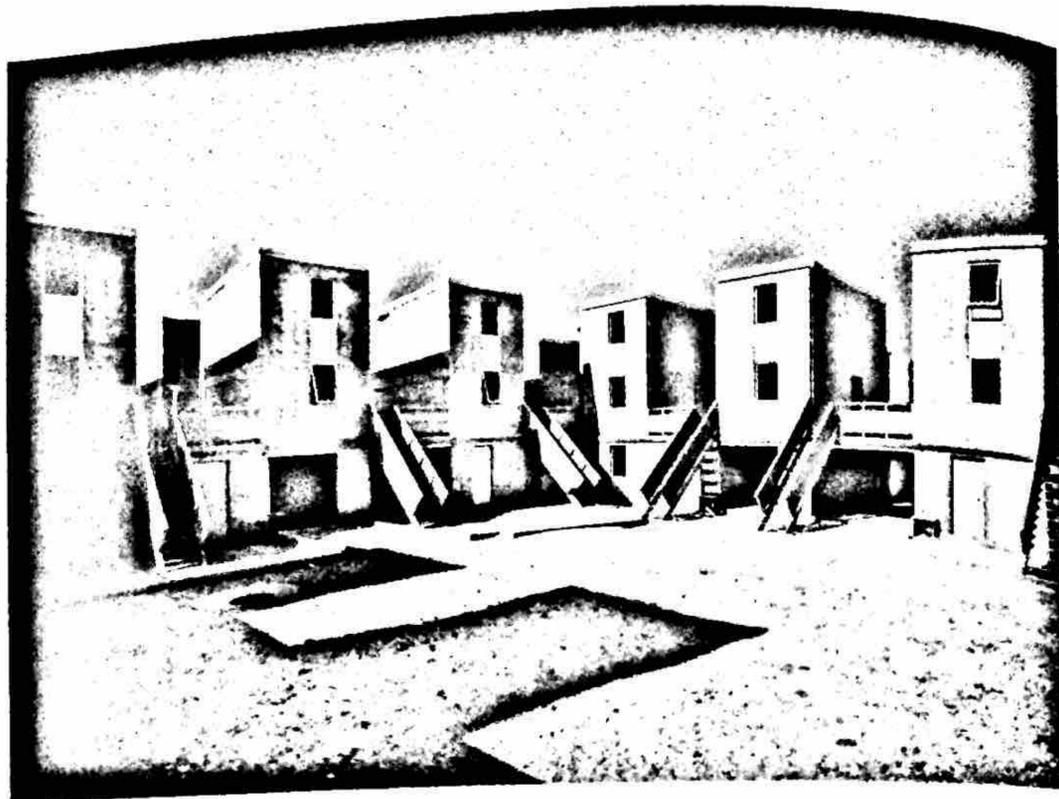
51. O parque resultante tem um limite perigoso, em que crianças brincam perto do tráfego. Van Eyck pensou que as crianças deveriam aprender a lidar com tais riscos, o que não poderiam fazer caso estivessem isoladas: (VAN BOETZELAERSTRAAT, AMSTERDÃ, 1961)



52. A apropriação de Van Eyck sugere outras formas de aproveitar os espaços encontrados na cidade. Aqui, a área sob o viaduto Riverside Drive, a oeste de Manhattan, antes um espaço vazio, a não ser pela população de traficantes e viciados em heroína. (PAUL LOWRY/ CREATIVE COMMONS)



53. A instalação de um mercado sob uma via expressa, que servia tanto à população negra do Harlem quanto à comunidade de alunos brancos da Universidade de Columbia. (STACY WALSH ROSENSTOCK/ALAMY)



54. Incompleto por definição: em Iquique, Chile, o arquiteto Alejandro Arivenna constrói os alicerces de uma boa estrutura e deixa a tarefa de completar o prédio aos residentes. (TADÉUZ JALOCHA)



55. Quando finalizado, o resultado é um desastre arquitetônico, mas um sucesso econômico e sociológico. A "abertura" não é uma medida estética. (CRISTOBAL PALMA/ESTUDIO PALMA)



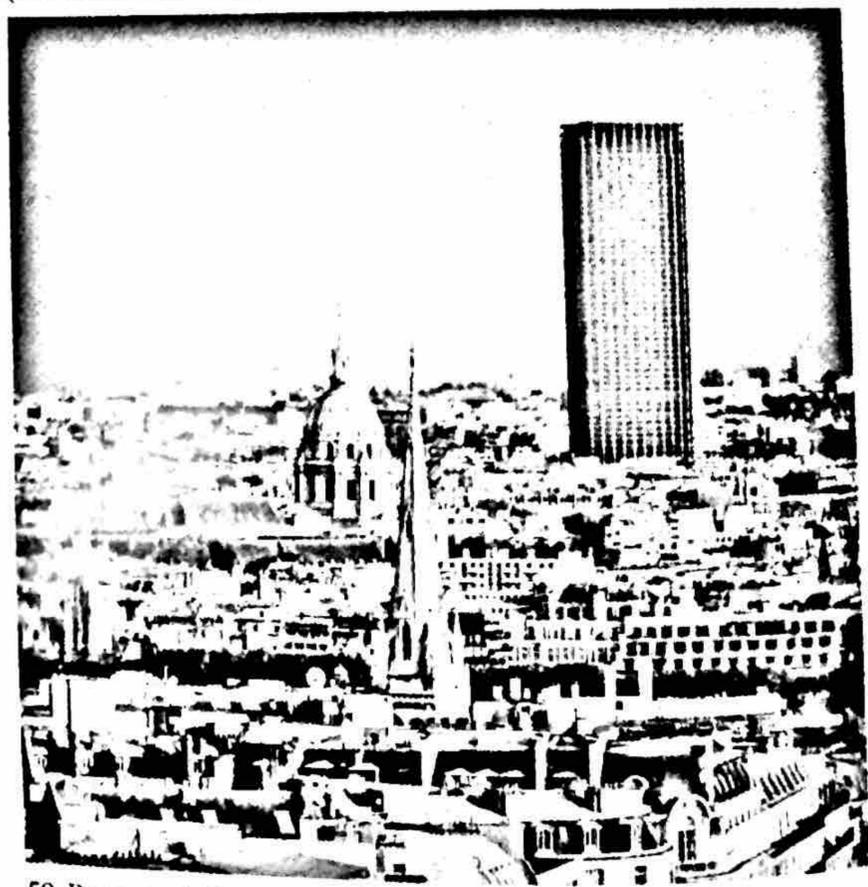
56. Coprodução como alternativa para projetos incompletos por definição: na Gare de Lyon, em Paris, o intercâmbio constante entre designers e usuários produz resultados melhores. Aqui está a estação antes... (ERIC POUHIER/CREATIVE COMMONS)



57. ... e depois. (DAVID MONNIAUX/ CREATIVE COMMONS)



58. Acréscimo e ruptura da forma são parte do ritmo fundamental da construção das cidades. O ritmo impõe um dilema ético. Este prédio em Battery Park City, Nova York, simula apartamentos parecidos com o resto da área residencial de Manhattan, cujos residentes viviam rotinas familiares e de trabalho bem diferentes do que se vive hoje.  
(DOMINICK BAGNATO)



59. Por outro lado, a Tour Montparnasse em Paris rompe com os arredores históricos. É horrível — e própria do nosso tempo. Como o design urbano deve equilibrar nostalgia e verdade?  
(S. BORISOV/ SHUTTERSTOCK)

*Avaliação lateral* — Posso falar praticamente como um especialista das consequências mentais do caminhar. Quando dei início à jornada de recuperação do meu derrame, interessei-me por observar os efeitos das caminhadas nos meus processos mentais. Movimentar-me ajudou, antes de mais nada, a me tirar da névoa da fadiga, aquele estado de semiconsciência exausta que obnubila o paciente que acabou de ter um ataque. Na época, perder o equilíbrio e cair era o principal problema; o paciente que volta a andar enfrenta o risco com um exercício chamado Manobra de Romberg, que mantém o corpo ereto. Uma vez tendo começado a andar, um Programa de Reabilitação Vestibular (jargão médico para dizer “aprender a caminhar reto”) treina a cabeça a virar para a direita e depois para a esquerda de três em três passos, podendo o corpo assim mover-se regularmente para a frente, mesmo olhando para os lados. Essas primeiras caminhadas abarcam inicialmente cerca de 20 metros duas vezes por dia; a pessoa levanta bem a perna ao caminhar, e sempre no terceiro passo, ao voltar a cabeça para o lado, bate na coxa. (Não recomendo esta prática, como fiz certa vez, num parque; provavelmente você chamará a atenção da polícia.)

Esse exercício, evocando soldados em parada diante de dignitários estrangeiros, dá uma pista sobre a relação do movimento corporal com as percepções do espaço. Na Reabilitação Vestibular, a combinação do movimento para a frente com a visão lateral funciona melhor se focarmos a atenção em portas, vasos ou outros objetos ao girar a cabeça. Os objetos vistos lateralmente permitem que a pessoa acometida de derrame gradualmente estabeleça as dimensões do espaço circundante; perto e longe, alto e baixo. É a avaliação lateral. Permite que vejamos objetos que estão ao lado de uma nova maneira, como se não tivéssemos de fato percebido até então o seu caráter.

A avaliação lateral também acontece com o *flâneur* saudável, que pratica algo parecido com a Reabilitação Vestibular ao explorar a cidade. Ele absorve novos “dados” nas laterais da consciência visual; a avaliação lateral provoca uma mensuração dimensional, e o *flâneur* saudável, como um paciente que se recupera de um derrame, pode então ver mais vividamente objetos que estão no limiar da consciência. Como funciona essa combinação seletiva pelas laterais?

A visão periférica é natural na maioria dos animais. Nos seres humanos, o cone de visão é de 60 graus, ao passo que a profundidade de campo é de

alcance menor, de modo que estamos sempre recebendo mais informação do que o que está em foco. Além disso, o animal humano tem dificuldade de distinguir de maneira atenta e individualizada mais de sete objetos simultaneamente. Em ritmo de caminhada, o “holofote” jamesiano do cérebro tende, portanto, a reduzir a avaliação lateral a três ou quatro objetos. Em contraste, viajar num carro a 80 quilômetros por hora reduz a consciência a um único objeto significativo. Em ritmo de caminhada, os objetos focados são “arredondados”, no sentido de que podemos lidar com eles, avaliar seus contornos e seu contexto, ao passo que, em alta velocidade, o único objeto focado aparece neurologicamente como “chato” — uma imagem passageira sem profundidade nem contexto. Neste sentido, caminhar lentamente gera uma consciência lateral mais profunda que se mover com rapidez. A avaliação lateral é um dos critérios para distinguir lugar — um local onde habitamos — de espaço — um local por onde passamos. Ela estabelece a justificativa cognitiva básica para privilegiar os ciclistas em detrimento dos motoristas: o ciclista sabe mais sobre a cidade, neurologicamente, que o motorista.<sup>10</sup>

A avaliação lateral explica uma certa perplexidade dos parisienses da época de Haussmann com as carruagens rápidas e os trens que então passavam a determinar os deslocamentos na cidade: eles viam mais a cidade, mas notavam menos detalhes de determinados lugares quando viajavam em maior velocidade. Eram poucos os guias da cidade escritos do ponto de vista das viagens de trem; o *Guia Baedeker* de 1882, por exemplo, propõe passeios a pé para os turistas, mas considera as viagens de trem sem utilidade para compreender a cidade. Naturalmente, o transporte rápido é vital para percorrer a cidade — mas os carros e os trens também são máquinas danosas para a cognição. Reside precisamente aí o desafio para os planejadores da *ville*: e se eles não criarem condições para o conhecimento pela caminhada? Nada de calçadas nem becos, nada de bancos nem fontes públicas? Nem banheiros públicos? Ao deixar de contemplá-los, eles terão embotado a cidade.

*Posicionamento* — Num mapa Google, a indicação “minha atual posição” orienta o usuário no espaço; ela responde à pergunta “Onde estou?” com bom grau de precisão. Um tipo mais complexo de avaliação “Onde estou?” é necessário para o posicionamento num espaço desconhecido.

O psicólogo Yi-Fu Tuan encara o problema analisando como se aprende a andar num labirinto. Quando alguém entra num labirinto, tudo lá dentro é puro espaço, sem qualquer marcação nem diferenciação em termos de entendimento, para aquele que ali se encontra, de onde está. Assim que aquele que se encontra num labirinto acha uma saída, tateando cegamente, sabe que existe uma “narrativa espacial”, ou seja, um início e um fim organizando os seus movimentos, sem, no entanto, conhecer os “capítulos” que compõem essa narrativa. Com o tempo, perambulando reiteradas vezes, o *flâneur* aprende a fazer certos movimentos, a percorrer certos trechos que podem orientá-lo, por conterem o que Tuan chama de “marcos” — uma estátua num pedestal seria um marco óbvio, mas uma árvore com folhas mortas ou um buraco imperceptível no caminho, no qual o indivíduo quase torceu o tornozelo, também poderiam servir de pontos de referência. Assim é que são criados os capítulos na narrativa do movimento.

A tese de Tuan é que o movimento no espaço não pode ser algo que acontece uma única vez, devendo se repetir muitas vezes: o viandante precisa repetir suas perambulações para aprender a navegar. Além disso, a escola de Tuan sustenta que, ao escolher marcos de orientação, o *flâneur* pensa em termos críticos quais objetos ou imagens melhor serviriam para orientá-lo — em outras palavras, quais objetos ou imagens se destacam nas plantas uniformes e homogêneas que compõem o labirinto. Essas exceções ficam lateralmente dispostas em relação à visão, enquanto o aterrorizado *flâneur* contempla à sua frente os túneis desconcertantes e aparentemente uniformes. Deste modo, a escola de Tuan leva adiante o trabalho de Festinger sobre distância cognitiva e atenção focal: com a necessária experiência, uma pessoa, ao se mover, se capacita a focar em pistas muito específicas e não óbvias que sirvam para orientá-la. Na linha do nosso raciocínio, verifica-se uma avaliação lateral que permite aquele tipo de apreensão capaz de conduzir alguém em direção a uma saída que ainda não vê no momento.<sup>11</sup>

Um modo completamente diferente de se orientar é encontrado no trabalho do geógrafo Michel Lussault. Ele se interessa pela maneira como o caminhar estabelece a relação entre o próximo e o distante. Contemplando um mapa, sabemos que há um posto de gasolina a mil metros de distância de onde nos encontramos, mas é apenas um número; temos de fazer um

esforço físico para saber se o posto está longe ou perto. Naturalmente, ninguém poderia caminhar mil metros, nem muito menos 10 quilômetros, toda vez que precisasse usar as palavras “perto” e “longe”. Ele sustenta que, embora isto seja verdade, a certa altura do desenvolvimento de uma pessoa algum esforço físico vem a conferir sentido ao número que representa perto e longe, mesmo que só uma única vez ela tenha percorrido a pé distância de um quilômetro. E é preciso caminhar para cima e para baixo, assim como para perto e para longe. Se a única experiência de uma pessoa com a altura consiste em ter subido e descido num elevador, “alto” não seria de grande utilidade para ela como medida; para empregá-la, essa pessoa precisaria em dado momento subir a pé pelo menos um andar. Assim como um artesão organiza a experiência física com a compreensão mental de palavras como “apertado”, assim também são construídas as geografias, sustenta Lussault. Ao aprender as dimensões de um novo espaço, o corpo que caminha ou sobe está gerando uma primeira régua.<sup>12</sup>

Aí vão dois diferentes relatos sobre como é possível se orientar movimentando-se em lugares desconhecidos. Alguém poderia objetar que são muito, muito poucos mesmo os *flâneurs* capazes de percorrer a pé Delhi ou Nova York. Como então quantificar a palavra “grande”? Nas cidades, trata-se na verdade de uma pergunta sobre a escala humana.

*Escala* — As medidas de escala humana no ambiente construído deveriam logicamente basear-se no tamanho do corpo humano. Esta maneira de definir a escala começou com Vitruvius, tendo chegado ao nosso conhecimento em especial com a famosa imagem de Leonardo da Vinci: um corpo humano com os braços e as pernas estendidos, criando um círculo perfeito no interior de um quadrado. É a medida de um corpo estático. Na nossa época, a versão geométrica da escala humana é exemplificada sobretudo pelo Homem Modular de Le Corbusier, mostrando uma figura com um braço dobrado para cima. Nessa imagem, Le Corbusier tentava conciliar os sistemas de medida métrico e de polegadas e pés; o foco é a matemática do corpo. A imagem do Homem Modular pode ser usada pelos arquitetos para criar uma escala humana em prédios altos, calculando os múltiplos verticais do Homem Modular; Le Corbusier desenvolveu esse procedimento

depois da Segunda Guerra Mundial, embora a medida modular apareça em várias construções da década de 1930. O objetivo é racionalizar o tamanho do corpo, em vez de tratá-lo como um organismo vivo.

Outra maneira de pensar a escala humana foi desenvolvida pelo grande crítico de arquitetura Geoffrey Scott, que declarou: “Nós nos projetamos nos espaços nos quais nos posicionamos [...] enchendo-os idealmente com nosso movimento.” Precisamente por este motivo, Scott era um apaixonado pelo Barroco, especialmente as esculturas serpenteantes de Bernini, com seus corpos de pedra contorcidos e recurvados, os tecidos em torvelinho. Com base nessa apreciação estética da forma humana em movimento, Scott afirmava que nós “projetamos a escala humana”, imaginando nossos movimentos corporais amplamente desdobrados no espaço — as experiências sensoriais concretas de Lussault ampliadas pela imaginação. Os saltos fenomenais do Super-Homem e do Batman criam esse tipo de projeção escalar; como também, em seu momento, as *Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift (tanto para os viajantes supergrandes quanto para os superpequenos). Tendo em mente a arquitetura prática, Scott sustentava que a passagem por ambientes internos, e deles até a rua, subindo e descendo escadas, contribui melhor para a concepção de espaços que deem a sensação de ter uma escala humana do que calcular o tamanho de um ambiente ou a largura de uma rua em relação a imagens fixas do próprio corpo humano. O movimento é mais importante que a geometria.<sup>13</sup>

Os preceitos de Lussault a respeito do próximo e do distante são utilizados no trabalho de Allan Jacobs (sem parentesco com Jane), planejador da cidade de San Francisco na década de 1980. Para este Jacobs, o mais determinante era o cone de visão de 60 graus. No alto do cone, sustentava ele, a linha dos telhados das construções devia estar sempre visível. A utilização da “norma Jacobs” por sua vez ajuda certos planejadores a determinar a largura de uma rua. Quanto mais larga a rua, mais altos podem ser os prédios que a margeiam, desde que seja sempre possível ver a linha dos telhados quando se está no solo. Em San Francisco, a norma Jacobs privilegiou os prédios baixos porque as ruas são estreitas, ao passo que um pedestre caminhando pelos Champs-Élysées em Paris pode ver o alto de edifícios muito mais elevados. O que não agradava a Allan Jacobs eram torres isoladas como as de Xangai, que não permitem àquele que caminha ao seu redor ter uma ideia de altura.<sup>14</sup>

Uma medida das ruas em escala humana com base no movimento foi fornecida pelo urbanista dinamarquês Jan Gehl. Em vez de medir o tamanho do corpo humano, ele explora as maneiras como os corpos em movimento processam a palavra "perto" — outra aplicação da teoria de Lussault. "Dependendo do pano de fundo e da iluminação, podemos identificar seres humanos, sabendo que não são animais nem arbustos, a uma distância de 300 a 500 metros." Mas "só quando a distância tiver sido reduzida a 100 metros podemos ver movimento e expressão corporal em linhas gerais". Mas ainda precisamos ir adiante, pois persiste uma outra defasagem, embora menor: "Geralmente reconhecemos [determinada] pessoa a uma distância variando entre 50 e 70 metros." E chegamos ao estágio final: "A uma distância de cerca de 22-25 metros, somos capazes de distinguir com precisão as expressões faciais." Cálculos semelhantes podem ser feitos no que diz respeito aos sons. Gritos de pedido de socorro são audíveis a distâncias de 50-70 metros; à metade dessa distância somos capazes de entender pessoas falando alto sem interrupção, como se estivessem numa tribuna ao ar livre; nova redução pela metade, e podemos sustentar uma conversa de uma calçada a outra, por exemplo. Mas só de 7 metros para baixo "a conversa pode ser mais detalhada e articulada". Gehl considera que o "limiar interpessoal" crítico ocorre tanto visual quanto sonicamente em torno de 25 metros, distância na qual são completamente absorvidos dados específicos sobre outra pessoa. Nesse modo de medir a escala humana, não importa o tamanho das pessoas; é antes uma questão do que cada um vê e ouve ao se aproximar dos outros.<sup>15</sup>

Por que o automóvel, o trem e o avião não permitem estabelecer escalas? Porque o movimento está suspenso. Quase nenhum esforço humano precisa ser empreendido para fazer com que a máquina se mova; é a máquina que faz o trabalho. Neste sentido, um interessante estudo compara o ato de dirigir um carro com engrenagem manual à condução de um carro automático; o motorista no primeiro caso está menos sujeito a acidentes porque o esforço de mudança de marchas o sintoniza mais com as condições ao redor, do lado de fora do carro. Com o advento do carro sem motorista, a suspensão do envolvimento com as condições ambientais será total: o lado sombrio do sonho de Bill Mitchell. A perda da escala determinada pelo usuário faz

eco à celebração da tecnologia de fácil uso por parte de Peter Merholz: com a diminuição do esforço para fazer com que o programa funcione, diminui também a compreensão do seu funcionamento.

Deduzo daí que a escala humana não é estabelecida simplesmente pelo movimento, mas por um movimento intrigante, como no caso do labirinto; um movimento que encontre obstáculos, como deslocar-se lentamente numa multidão; ou que tenha a ver com uma pesada carga sensorial, como na visão lateral. O planejador urbano que criasse um ambiente sem quaisquer obstáculos para os pedestres não estaria contribuindo para a sua vivência e experiência. Tal como se dá na "criatividade" no interior do Googleplex, como vimos no capítulo anterior, assim também ocorre na rua: a experiência da escala humana se dá em termos de enfrentamento das resistências.

Como já disse, não posso saber se minha jovem assistente de bibliotecária aprendeu a abrir caminho num lugar estranho caminhando por ele. Mas a análise lateral do movimento, a apreensão, o posicionamento e a mensuração de escalas seriam sólidas maneiras de se orientar num lugar que ela não conhecesse.

### III. Práticas dialógicas — Falar com estranhos

E a orientação verbal? Como poderia nossa bibliotecária transcender limites locais falando com estranhos? Uma possível resposta deriva de ideias sobre comunicação inicialmente propostas pelo literato russo Mikhail Bakhtin.

"Dialógica" foi o termo cunhado por ele na década de 1930 para designar o fato de a linguagem ser cheia de "contradições socioideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos socioideológicos do presente, entre tendências, escolas, círculos..."; cada voz é enquadrada por outras vozes e tem consciência delas. É uma situação a que Bakhtin deu o nome de "heteroglossia". Como as pessoas não são cópias fiéis umas das outras, a fala é cheia de mal-entendidos, ambiguidades, insinuações involuntárias e desejos não manifestos; nas palavras de Kant, a linguagem é torta, especialmente entre estranhos que não compartilham as mesmas referências locais, o mesmo conhecimento local. A heteroglossia

marcou as trocas que chegavam a ser cômicas entre mim e a candidata a assistente de biblioteconomia a respeito das sestras em Nova York e Londres.<sup>16</sup>

Dialógica era uma palavra perigosa para alguém escrevendo na Moscou de Stalin na década de 1930, onde o menor sinal de inconformismo ideológico levava direto ao gulag. Era mesmo uma ousadia para essa ditadura do pensamento, em seu contraste com a dialética, pelo menos o raciocínio dialético sacralizado pela polícia do pensamento como materialismo dialético. A ideia oficial de linguagem na sociedade era que, no jogo de teses e antíteses, chegava-se à síntese que unificava pensamentos e sentimentos; todo mundo de acordo: um acordo que pode ser policiado. Ao passo que as técnicas dialógicas de deslocamento, ruptura e incerteza estabelecem um tipo diferente de comunidade da fala: uma comunidade em que as pessoas estão juntas, mas não necessariamente de acordo.<sup>17</sup>

Existem em minha opinião quatro ferramentas dialógicas que atendem particularmente aos urbanitas.

*Ouvir o que não foi dito* — Muitas vezes as pessoas não dizem o que querem dizer, pois não se expressam bem. O outro lado desta moeda é que as palavras não podem captar o que uma pessoa pensa ou sente. Em literatura, Bakhtin enfrentava esses limites da língua enfatizando o contexto em que determinado personagem fala, dando mais atenção à descrição do ambiente que aos diálogos. O leitor deduz o que um personagem quer dizer pela descrição que dele é feita, assim como do seu mundo, e não por suas próprias palavras. Graças à contextualização, embora Sancho Pança, em *Dom Quixote*, muitas vezes se mostre desarticulado ou obtuso, nós entendemos o que ele quer dizer.

Na vida comum, a capacidade de escuta realiza o trabalho de conferir significado ao que não foi dito. Como antropólogos da época, os homens da Escola de Chicago queriam “ouvir o não dito”, mas eram atrapalhados por uma neurose sociológica: a amostra representativa. Essa neurose consiste em acreditar que exista uma voz autêntica, ou um exemplo típico, de determinado tipo de pessoa. Essa crença leva a estereótipos, como o camponês polonês ignorante ou o homem branco raivoso. Além disso, a amostra representativa privilegia exatamente aquelas pessoas que de fato se

expressam de uma maneira que outros esperam de membros de determinada categoria; os falantes atraem a atenção por dar vida ao estereótipo. Robert Park preocupava-se com o fato de seus alunos não ouvirem pessoas com um entendimento menos estereotipado e mais complexo da própria raça ou classe; esses pensamentos e sentimentos complexos podem fazer com que alguém se cale. Por isto, Charlotte Towle obrigava seus entrevistadores a aprender a se calar, para estimular os entrevistados a buscar as palavras certas; na Escola de Chicago, fazia parte do treinamento dos jovens entrevistadores deixar pairar um certo silêncio. Florian Znaniecki reconhecia que os neófitos ficavam em palpos de aranha com o silêncio de entrevistados, sentindo-se tentados a se sair com intervenções como “Em outras palavras, Sra. Schwarz, está querendo dizer que...”. Znaniecki recomendava que não pusessem palavras na boca de ninguém; é o pecado cardeal em sociologia.

Desde a época da Escola de Chicago, evoluíram as técnicas para jogar o holofote em significados mal articulados ou contraditórios; faz parte da educação do moderno etnógrafo ouvir as dissonâncias cognitivas. O fato de um entrevistado se contradizer não pode ser considerado indício de que seja burro ou ignorante; pelo contrário, de acordo com Bakhtin, é o contexto do ato da fala que é torto e contraditório.

Mais uma vez, não se ganharia grande coisa se o entrevistador dissesse: “Sra. Schwarz, a senhora está se contradizendo”; isto transformaria a dificuldade em problema dela, e não em problema da situação em que se encontra. Em entrevistas aprofundadas, as pessoas realmente se preocupam com essas contradições durante uma longa conversa, exercendo a atenção focal, para que, ao cabo de noventa minutos, tenham reformatado o problema tratado desde o início.

Por exemplo, muitos trabalhadores entrevistados por mim e por Jonathan Cobb para *The Hidden Injuries of Class* [Os danos ocultos da classe] começavam a sessão com declarações contra negros e, ao longo das entrevistas, evoluíam para explosões de raiva contra pessoas brancas de uma classe social superior. Para nossos entrevistadores — em sua maioria brancos de classe média alta —, a boa escuta exigia um exercício de empatia, e não de identificação. O entrevistador só é capaz de ver por trás das palavras mostrando-se disposto a levar o entrevistado a sério, nos seus próprios termos, em vez de passar a mensagem “Eu sei como você

se sente". Quando são expressos sentimentos racistas, que acabam evoluindo para sentimentos de classe, os entrevistadores precisam demonstrar respeito mediante uma espécie de equanimidade: "Interessante", ou então "Não tinha pensado nisto"; essas fórmulas são o equivalente das ficções civilizadas que azeitam a vida numa comunidade mista. O resultado muitas vezes é que os entrevistados numa interação agressiva alteram sua fala.

Em suma, a prática do silêncio tem um aspecto sociável, além do aspecto de autodisciplina: a passividade verbal demonstra respeito pelo outro como pessoa, e não como tipo.

*A voz declarativa e a subjuntiva* — O segundo aspecto da dialógica tem a ver com falar, e não mais ouvir. Trata-se do uso da voz subjuntiva para abrir a comunicação. A voz declarativa, afirmando "Acredito nisto" ou "Isto está certo, aquilo está errado", convida apenas à concordância ou à discordância como resposta. Ao passo que a voz subjuntiva, oferecendo "Eu teria imaginado" ou "talvez", admite um espectro muito maior de respostas: dúvidas e hesitações podem ser introduzidas e compartilhadas, assim como fatos divergentes ou opiniões que não induzam o falante original a se defender. Bakhtin afirma que esse tipo de abertura permite "que as línguas sejam usadas de forma indireta, condicional, distanciada". O filósofo Bernard Williams considerava a voz declarativa sujeita ao "fetiche da afirmação", uma assertividade geralmente agressiva. Mas qualquer que seja o matiz psicológico, o essencial na voz declarativa é que privilegia a clareza de expressão, ao passo que a voz subjuntiva privilegia a ambiguidade.<sup>18, 19</sup>

A ideia dialógica é que a voz subjuntiva representa um modo mais sociável de falar que a declarativa. As pessoas podem ser mais abertas, trocar mais livremente, sentir-se menos tensas e comportar-se de maneira menos defensiva; não estão disputando lugar. Em outros termos, a ambiguidade convida às trocas colaborativas; a clareza, às trocas competitivas.

Como na boa escuta, o uso eficaz da voz subjuntiva requer habilidade. Todo negociador profissional, seja diplomata ou funcionário governamental, aprende quando e como criar uma abertura, recuando de uma afirmação, encaminhando uma negociação com uma expressão mais hesitante sobre algo que inicialmente foi apresentado como clara exigência. É com uma ca-

pacidade equivalente de negociação que a maioria dos adultos tem relações íntimas, em vez de simplesmente liberar desejos ou opiniões. A habilidade acrescenta uma certa astúcia ao autocontrole. Ao dizer "talvez", qualquer um pode saber perfeitamente o que pensa; "talvez" representa um convite para que o outro fale.

Ouvir o que não foi dito e usar a voz subjuntiva são maneiras dialógicas de se comunicar na cama, no jantar, no escritório. Quando estranhos falam, entra em cena uma terceira prática dialógica.

*A "voz neutra"* — Na leitura de transcrições ainda não editadas de entrevistas produzidas pela Escola de Chicago, chamou-me a atenção algo que muitos de seus pesquisadores não parecem ter notado. Seus entrevistados usam duas vozes: uma autorreferencial, a outra mais impessoal. "Sendo afro-americano, achei a Universidade de Chicago mais acolhedora que meus amigos na Universidade do Illinois [...]" representava a primeira; "Por que os brancos causam tanto sofrimento aos afro-americanos?" representava a segunda. Como o tema é raça, o falante pode estar fazendo uma pergunta retórica, sabendo perfeitamente a resposta com base em sua experiência — mas sem invocá-la. Quando estranhos se encontram, a "voz neutra" pode preservar uma distância entre eles, mesmo durante o processo de comunicação mútua.<sup>20</sup>

Em algumas das entrevistas de Chicago, essa impessoalidade é mantida durante longas sessões porque os entrevistados querem preservar a própria privacidade. Em outras, contudo, reduzir tudo à pequena experiência pessoal de cada um parece excessivamente limitante para dar conta da sociedade em que se vive. Depois de dizer a W. I. Thomas que "Só me dei conta de que era polonês ao chegar a Chicago", um imigrante de uma pequena aldeia polonesa passa a explicar as diferenças entre as aldeias polonesas e o gueto polonês de Chicago em termos mais genéricos. Temos aqui um exemplo da "voz neutra" de um falante: voltada antes para fora que para dentro.

A "voz neutra" é dialógica porque o indivíduo tem liberdade para se estender, observar e julgar, livre da propensão do *flâneur* para encarar tudo do seu ponto de vista pessoal. O grande intérprete americano de Bakhtin, Michael Holquist, tentou mostrar que heróis picarescos como Dom Quixote

ou narradores como Rabelais eram espíritos livres por serem exploradores do "o que é", e não do "quem sou eu"; a energia dessas figuras decorria de uma libertação do self.<sup>21</sup>

Ao analisar os lugares em que vivem, as pessoas igualmente utilizam a voz autorreferencial e a voz "neutra". "Eu" é o pronome usado quando falam da ligação a um lugar; em inglês, o pronome neutro "it" é o que usam ao avaliar as qualidades e defeitos do lugar em si mesmo. Essa diferença é importante porque a "voz neutra" é a que tem maior caráter crítico e de avaliação. Existe um paralelismo entre os pensamentos a respeito de um lugar e as maneiras como, segundo observou anteriormente Charlotte Towle, as mulheres falavam do casamento: as mulheres entrevistadas por ela e minha mãe evoluíam da discussão sobre sua experiência pessoal como esposas de homens desmoralizados para a avaliação do que o governo ou o partido comunista poderiam fazer sobre essa desmoralização. Mais tarde, quando Barack Obama trabalhou como organizador comunitário em Chicago, constatou que era preciso fazer com que os indivíduos fossem além da remastigação lamentosa dos problemas pessoais, passando a pensar nas medidas que poderiam tomar; uma narrativa de sofrimento pessoal não seria capaz de lhes dar energia para lutar.

*Informalidade* — Conversas informais como a que tive com o Sr. Sudhir definem um quarto tipo de troca dialógica. As pessoas conversam sem pauta predefinida, como a que se poderia adotar para uma reunião; as trocas informais também contrastam com a fofoca, que em geral tem uma pauta maliciosa, mesmo oculta. Numa conversa informal, passando de um assunto a outro, de um sentimento a outro, estamos nos movendo entre níveis de significado, o trivial dando lugar ao profundo, que volta flutuando à superfície. Deste modo, uma conversa informal pode se transformar num vaguear sem rumo; o que a converte numa troca dialógica é uma certa forma que o fluxo pode assumir. Como no café de Medellín, um fato significativo pode ser subitamente focado em meio a divagações inconsequentes. Os interlocutores farejam um caminho promissor a seguir, mesmo sem saber muito bem o que vão descobrir. Essa habilidade exploratória sustenta uma discussão.

Sustentar uma troca informal exige um certo tipo de irresponsabilidade. Em vez de ponderar bem determinado assunto, como seria o caso num debate dialético, o bate-papo dialógico dá voltas e reviravoltas à medida que os interlocutores se detêm nas aparentes trivialidades que vão surgindo; são elas que podem recanalizar a conversa. Você fala da crueldade do seu pai, e eu "inadequadamente" respondo falando da calvície do meu; a resposta inadequada na verdade libera a troca do canal doloroso e fixo de uma confissão sobre mazelas já muito remastigadas, tão dolorosas que poderíamos cair num monólogo ou resvalar para o silêncio. A resposta com comentários sobre a calvície do meu pai torna a troca mais leve, mas sobretudo a mantém fluindo; não esqueci da crueldade do seu pai; na verdade, vou querer saber mais detalhes enquanto pedimos uma segunda rodada de bebidas; vamos conversar mais.

Quando dizemos que alguém é bom de conversa, temos em mente essa capacidade de surfar na informalidade. Eu poderia observar aqui que poucos debatedores ou dialéticos são bons de conversa informal; eles dizem o que acham e, se têm êxito na sustentação desses pontos de vista, outros abandonam o campo verbal. A conversa aborta.

No que diz respeito ao fluxo da conversa informal propriamente, os analistas de sistemas abertos fornecem um útil esclarecimento dos seus pontos de inflexão, tecnicamente designados como dependências de curso não linear, expressão mais digerível se entendida em termos de fazer alguma coisa, em vez de entabular uma conversa. Um carpinteiro resolve fazer uma bandeja; mas descobre nódulos na madeira, decidindo por isto fazer uma tigela, em vez da bandeja plana; nota então que a madeira apresenta uma interessante granulação, o que o leva a entalhar na tigela um bocal ondulado, algo que nunca fez antes. A cada etapa, ocorre algo que altera o trabalho inicialmente pretendido; é uma dependência de curso não linear. Ele pode minimizar modestamente sua própria capacidade de farejar as possibilidades, dizendo que a tigela "acabou saindo diferente do que eu imaginava no início" — mas foi ele quem fez essas mudanças acontecerem. Da mesma forma, quando conversamos com um estranho, a conversa pode não passar de um bate-papo inconsequente de bar ou clube. Mas os dois interlocutores, com os feromônios sexuais fluindo inesperadamente, conversam com uma certa habilidade, seguindo algumas pistas inesperadas, mas não outras.

Num sistema aberto, não há destino — o que também deve ser encarado com bom senso no amor: seja sincero, você não estava destinado a encontrar apenas esse estranho ou essa estranha. Matematicamente, talvez fosse possível reconstituir com clareza, por uma análise regressiva, os passos resultando na tigela de bocal ondulado ou naquele beijo, mas no modo “para a frente” cada uma dessas mudanças reage a mudanças anteriores de uma forma que não podia ser prevista no início. Em lugar do destino, que pressupõe que a vida deve seguir certo rumo, num sistema aberto o processo é que determina o fim.

Na teoria dos sistemas abertos, isto é uma boa coisa. À medida que se acumulam as dependências de curso, o sistema se torna cada vez mais dinâmico, mais excitado. Bakhtin tentou explicar essa energia excitada nas comunicações sociais. Supôs que essa experiência não linear surgia em virtude de interseções de diferentes “dialetos sociais, comportamentos característicos de grupo, jargões profissionais, linguagens genéricas, linguagens de gerações e grupos etários, linguagens tendenciosas, linguagens das autoridades, de vários círculos e modas transitórias”. É a condição verbal a que se referiu como “heteroglossia”, e que nós chamaríamos de “uma *cité*”.<sup>22</sup>

A heteroglossia pode ser encenada; é o que fazem os romancistas. Num certo tipo de romance vitoriano, fica mais que evidente, passadas as primeiras páginas, de que maneira as coisas vão se encaminhar: os heróis inevitavelmente serão recompensados, os vilões serão punidos e por fim o casal abençoado pelas estrelas vai se formar. A vida fala de coerência; estamos em mãos tranquilizadoras. Num outro tipo de ficção, a trama dá uma guinada quando os acontecimentos ou os personagens se desviam do que o leitor poderia esperar no início: os vilões saem gloriosamente vitoriosos, o casal de apaixonados se separa. O que atrai não é apenas a surpresa, mas as ambiguidades e dificuldades que se revelam poderosas, desviando os personagens do caminho esperado. Italo Calvino observou certa vez que o romancista que cria esse tipo de ficção na verdade está jogando com o leitor, astuciosamente alterando os termos do compromisso nos momentos em que tudo parece que vai dar certo. Da mesma forma, nas minhas conversas com o Sr. Sudhir, foi a inesperada revelação da sua integridade doméstica que me manteve num bate-papo com um vendedor de iPhones roubados.

O romance não linear é muito mais interessante que a ficção bem-feita; se após a leitura das primeiras páginas eu sou capaz de adivinhar como um romance vai terminar, em geral o deixo de lado. Também numa cidade, as vozes e ações heterogêneas despertam o nosso interesse de um modo que não são capazes as expectativas bem-feitas. Uma das habilidades que permitem manter as pessoas interessadas e envolvidas, na vida como num romance, consiste em lançar sementes inesperadas ao longo de uma conversa aparentemente trivial e sem rumo — a essência da comunicação informal.

Em suma, estou imaginando que a assistente de biblioteconomia abriu caminho comunicando-se com estranhos dessas quatro maneiras dialógicas: ouvindo bem, com atenção ao que se pretende dizer, e não ao que se disse; usando a voz subjuntiva para cooperar com o outro, em vez de enfrentá-lo; acompanhando realidades independentes do seu próprio self; seguindo o caminho das trocas informais. Essas práticas dialógicas poderiam abrir-lhe portas.

A cidade muitas vezes é apresentada como uma selva em que só sobrevivem os agressivos. Existe algo de irrealista nessa imagística brutal, como entenderam há muito tempo Balzac, Flaubert e Stendhal. Nos seus romances, os personagens menos combativos se saem melhor na cidade que os monstros de egoísmo que vêm a ser esmagados — e os romancistas sentem especial prazer em sua queda, como vimos no Capítulo 2. O mesmo acontece fora das páginas romanescas. As habilidades dialógicas que aqui esbocei são modos de enfrentar realidades complexas nas quais a sutileza e a habilidade tomam o lugar da agressividade crua. Mas além de apresentar esse valor prático, a dialógica é uma prática ética de comunicação: respeitosa dos outros, antes cooperativa que competitiva, voltada mais para fora que para dentro. Será que uma ética desse tipo não poderia constituir um guia útil, prático e safo para a sobrevivência na cidade?

#### IV. Gestão de ruptura — O migrante, um urbanita modelo

*Força do migrante* — O protagonista do admirável romance *Cidade aberta*, de Teju Cole, é um *flâneur* que aprende a cidade dessa maneira não agressiva. Como tantos romances de estreia, esta obra de Cole é uma mal disfarçada

autobiografia; exatamente como o autor, o narrador é um jovem médico nigeriano engajado numa residência psiquiátrica em Nova York. O narrador perambula pela cidade sozinho, em certa medida para aplacar o estresse do trabalho, mas também para tentar entender aquele lugar estrangeiro. Uma dessas perambulações ocorre ao pôr do sol, depois de uma visita ao paciente "M", que sofre de alucinações: a sessão não é muito satisfatória; o narrador então pega o metrô para voltar para casa no West Side, em Manhattan; as portas se abrem na sua estação, mas ele não salta, permanecendo no trem até chegar à extremidade sul da ilha. Ele tenta entrar numa igreja que está fechada, dá voltas pelas ruínas do atentado de 11 de setembro, entra num bar, sendo abordado por outro homem com intenções sexuais, sai e continua a caminhar. As cenas vão se acumulando dessa forma aparentemente aleatória; seu conhecimento peripatético está criando uma colagem de imagens.

A fala dialógica também entra em cena porque o protagonista lida com pacientes negros ou brancos, porto-riquenhos ou mexicanos; são poucas as sessões profissionais com pacientes do seu país. Ele precisa, portanto, entender o que eles pensam e sentem por trás de uma tela (para ele) de palavras e hábitos estrangeiros. Mas suas conversas com os pacientes parecem trocas fragmentárias, e não sessões de extenso aprofundamento, como ocorreria numa psicanálise clássica. Como qualquer psiquiatra, o narrador/protagonista vivencia a contratransferência, identificando nos deslocamentos mentais dos pacientes ecos do seu próprio desenraizamento geográfico. Assim é que escreve:

Nossa experiência da vida é de uma continuidade, e só depois que ela desaparece, quando se transforma em passado, é que percebemos suas descontinuidades. O passado, se é que isto existe, é sobretudo espaço vazio, grandes extensões de nada, nas quais flutuam pessoas e acontecimentos significativos. A Nigéria era assim para mim: praticamente esquecida, exceto nas poucas coisas de que me lembrava com intensidade desproporcional.<sup>23</sup>

Se se tratasse de uma simples nostalgia de volta às raízes, seria talvez um sentimento banal. A força do romance reside no fato de seu narrador se dar conta de que se tornou duplamente estrangeiro, não estando em casa nem

lá, nem cá, nem então, nem agora. Ele se transformou na quintessência do cosmopolita desenraizado — o emblema judeu que hoje em dia abarca de maneira mais genérica africanos, asiáticos e latino-americanos que afluíram para Nova York. O romance o surpreende em pleno processo de aprendizado: como lidar com este dilema? O narrador se torna um personagem mais profundo ao explorar as dores da migração, mas o deslocamento não o desmonta; suas investidas em Nova York o fortaleceram, permitindo-lhe aprender a lidar com a complexidade, embora sem satisfazer seu desejo de enraizamento. Assim é que sua história da cidade ganha profundidade e peso; ele pode viver aqui, ainda que sem o sentimento de pertencer plenamente.

Na leitura do romance, fui lembrado de três figuras muito diferentes. Uma delas é Okakura, o aluno de Heidegger, que divergia do mestre, dizendo que não é necessário deitar raízes para habitar um lugar; o que se precisa, na verdade, é aprender a lidar com a ausência. A orientação zen nele exemplificada poderia ser considerada uma teoria-mestra da migração. De modo menos filosófico, o relato de Cole faz eco às migrações do exilado russo Alexander Herzen no século XIX. Adepto da reforma política, Herzen deu início em 1848 a um exílio que o levou de Moscou a Roma e depois a Paris e Londres; já na velhice, pobre e exausto em Londres, ele escreveu: "Cá estou em Londres, aonde me trouxe o acaso [...] e aqui fico [unicamente] porque não sei o que fazer de mim mesmo. Uma raça estranha pulula confusamente ao meu redor." Mas não se trata apenas de um grito de desespero (embora, como bom russo, ele soubesse muito bem cultivá-lo); horas depois de escrever estas palavras, ele vai a um pub, onde encontra um grupo "interessante, inesperado" de trabalhadores.<sup>24</sup>

Depois de anos de perambulações, Herzen chega à conclusão de que "sentir-se em casa" é uma necessidade móvel. Ou seja, o migrante ou exilado coloca o desejo de um lar na mala — sempre devorante, ainda assim ele não o impedirá de viajar. Herzen desprezava os exilados russos que viviam no passado, em permanente estado de lamentação, isolados dos lugares aonde os levara o destino. Eles tinham "o dever com eles próprios" de tirar algum proveito das suas circunstâncias; precisavam tornar-se conscientes e alertas no presente. Herzen considerava que a viagem para fora e para longe fazia do exílio uma dádiva: a consciência do aqui e agora de que carecem aqueles que nunca saíram de casa.

A jovem que ajudei em Medellín queria migrar, sair de casa, e afinal prosperou. Apesar das lembranças saudosas de casa, é ávida de novas experiências no exterior, tornou-se uma hábil *flâneuse* e se esforçou por ajudar outros membros da família a mudar de rumo igualmente, tratando de legalizar sua própria situação. Em virtude talvez da sua juventude, a abertura para o presente e o futuro permitiu-lhe integrar-se; ela é uma cosmopolita otimista. Herzen foi forçado a sair da Rússia, sofrendo com essa expulsão involuntária — ferida que levaria décadas para curar, mas no fim das contas ele se conciliou com suas circunstâncias. Nunca se tornou cidadão britânico nem francês, mas tentou evitar a armadilha paralisante das lembranças nostálgicas cultivando amigos britânicos e franceses. Um radical marcado por experiências complexas e perigosas na Rússia, ele compartilhava com a jovem assistente de biblioteconomia de Medellín o desejo de viver no presente. Integrou esse sentido do tempo.

Entre os dois polos representados pelo aspirante a migrante e o exilado involuntário encontramos o narrador de Cole, que deixa a Nigéria por livre e espontânea vontade, mas se sente vazio no lugar onde vem a se desenvolver profissionalmente, ou pelo menos sente que alguma coisa está faltando. Talvez ele seja um modelo dos refugiados balcânicos com os quais convivi na Suécia, embora as circunstâncias destes se assemelhem às de Herzen. Inicialmente, eles ambicionavam uma vida melhor, mais livre, mais segura, mas com o tempo vieram a erguer um andaime de arrependimento em torno de suas experiências. Em termos práticos, não tinham escolha senão adaptar-se, aprendendo o sueco; caso contrário, ficariam confinados a empregos marginais pela impossibilidade de comunicação. Inicialmente, a geração adulta se esforçou por se misturar e habitar em sua nova casa, sabendo que de outra maneira seriam limitados os horizontes dos filhos. Mas a integração na Suécia encontrou obstáculos. Alguns não dependiam deles; como os manifestantes do PEGIDA na Alemanha, havia entre os suecos um forte componente de resistência à sua presença. Mas essa resistência não explicava por si só a construção desse arrependimento. Com o tempo, surgiu na comunidade dos migrantes um sentimento de ausência, de falta de alguma coisa, como aconteceu com Cole; o sofrimento do passado adquiria importância subjetiva em comparação com a sobrevivência no

presente; estranhamente, a geração mais jovem, que nunca soubera o que é não ter um teto, começou a se definir em termos de falta de raízes. Todos eles foram incluídos na esclarecida Suécia sem efetivamente se integrar. Para eles, como para Cole e Herzen, a realidade passou a ser viver aqui sem viver aqui, estar ao mesmo tempo ausente e presente.

A força do migrante está em chegar a bom termo com o deslocamento. Como poderia isto funcionar como modelo para outros urbanitas?

*Um filósofo do deslocamento* — Até onde sei, Gaston Bachelard nunca chegou a construir uma cabana, ao contrário do seu quase contemporâneo Heidegger, mas a imaginou em magnífica prosa. Seu livro *A poética do espaço* parece uma celebração da vida protegida, focada na paz da habitação numa cabana. No fim, ele declara: “Para um sonhador das palavras, quanta calma existe na palavra ‘redondo’. Quanta paz em deixar nossa boca, nossos lábios e [...] nossa respiração redondos [...] *Das Dasein ist rund*. O ser é redondo.” Se fosse a descrição de uma cabana real, seria uma iurta tibetana; a metáfora se aplica ao espaço delimitado e seguro de estar dentro, sentir-se protegido. Ele contrasta esse sentimento de calor humano com a dureza da cidade, citando o teólogo Max Picard: “As ruas são como tubulações que tragam os homens.”<sup>25</sup>

Ao contrário de Heidegger na sua cabana, Bachelard sabia que não é possível esconder-se para não ser sugado pela vida; em dado momento, todo mundo tem de sair da sua cabana interna, forçado a lidar com pessoas que não conhece nem entende, com as quais não simpatiza. Sua própria trajetória intelectual esclarece esta afirmação. Bachelard começou a vida adulta como carteiro de província, em seguida veio a estudar física na universidade e afinal se passou para a filosofia da ciência. Na meia-idade, conquistou uma posição em Paris; quase imediatamente após sua chegada, contudo, desistiu de galgar os degraus da escada acadêmica, passando a escrever livros com títulos como *A psicanálise do fogo* e *A poética do espaço*. São obras cheias de descrições sensuais de experiências cotidianas — a mão queimada pelo fogo e depois o alívio; a visão da chuva pela janela depois do sexo. Sua linguagem excita, ao passo que a de Heidegger abstrai.

A transferência para Paris lançou uma ponte entre a física e a psicanálise. Na época da dedicação à física, Bachelard dera ênfase ao caráter instável e